

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E  
INSTITUCIONAL**

**RAQUEL BRONDÍSIA PANIZZI FERNANDES**

**PER-CURSOS E INSCRIÇÕES:  
EXPERIÊNCIAS QUE COMUNICAM MODOS DE VIVER**

**Porto Alegre**

**2011**

**RAQUEL BRONDÍSIA PANIZZI FERNANDES**

**PER-CURSOS E INSCRIÇÕES:  
Experiências que comunicam modos de viver**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional. Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Cleci Maraschin

**Porto Alegre  
2011**

## AGRADECIMENTOS

À Cleci Maraschin pela dedicada e preciosa orientação possibilitando o encontro com novos cursos.

Aos meus queridos pais, Protásio e Adiles, que sempre incentivando minhas produções fizeram deste momento possível.

Às minhas queridas irmãs Shirley e Cheila pelo imenso apoio a este percurso.

À minha amada sobrinha Carolina que me convocando às brincadeiras e sempre querendo me ajudar na escrita proporcionou momentos de muita alegria.

Ao Jefferson pelo constante apoio e amor.

Aos jovens e trabalhadores do PSF Vila Viçosa pelas produções que resultaram neste trabalho.

Às minhas companheiras de viagem Fúlvia, Etiane e Fernanda pela amizade e parceria.

Aos colegas do Oficinando em Rede pelas discussões.

Ao Rafael Dhiel pelas inquietantes indagações e escuta a este trabalho.

À Vanessa, Graziela, Grace, Susane pelo incentivo a este modo de pesquisar.

À amiga Jéssica pelo companheirismo e escuta.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS pela qualidade na formação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado.

## RESUMO

Esta dissertação apresenta o Percurso de uma Oficina realizada na Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre. Com a participação de trabalhadores e usuários do Programa de Saúde da Família (PSF) Vila Viçosa constituiu-se como um desdobramento do Projeto de Pesquisa “Oficinando em Rede”, tendo como proposta a expansão de uma Oficina tecnológica a outros espaços da cidade. Atravessada pelas ações de pesquisa e extensão que constituem este Projeto, realizando Oficinas tecnológicas no Centro Integrado de Atenção Psicossocial (CIAPS) com a participação de jovens e trabalhadores, o interesse deste estudo foi despertado nas primeiras visitas da pesquisadora ao CIAPS quando de sua distinção a inscrições pelo corredor da instituição. Inscrições que, compreendidas neste estudo como marcas encarnadas em um espaço e tempo, constituem modos de viver/conviver. Interessada em analisar como a produção de inscrições pode explicitar redes de conversações e modular o conversar configurando novas distinções e emoções, tal questionamento resultou no objetivo desta pesquisa. Delineada como um estudo de natureza qualitativa, na perspectiva de uma pesquisa-intervenção, foi desenvolvida na realização de trajetos com o uso das TIC (tecnologias da informação e comunicação) por áreas de abrangência do PSF. Apresentando o Percurso como método indispensável à consolidação do trabalho possibilitou um operar performático no encontro com as inscrições naquele conversar que, em momentos de problematização coletiva, foram reconfiguradas nas inscrições de fotografia e vídeo. Constituída com o interesse dos participantes em conversarem com outras redes, a Oficina do Percurso possibilitou ações compartilhadas que em momentos de *breakdowns* abriu caminhos à cognição inventiva.

Palavras-chave: Inscrições. Oficina. Tecnologias da informação e comunicação. Conversar.

## ABSTRACT

This dissertation presents the course of a workshop carried out in the Lomba do Pinheiro neighbourhood, in the city of Porto Alegre, RS, Brazil. Personnel and users of the Vila Viçosa Family's Health Programme participated in the workshop, which is part of the research project 'Oficinando em rede' (Workshop on line). The main objective of such project is to expand technological workshops to other areas of the city. In addition, the workshop concept consists of ideas and actions originated during research and extension projects. As a result, a series of technological workshops were accomplished with the participation of young adults and workers at the Integrated Psychosocial Attention Centre (CIAPS) — where the interest of the present study originated. During my first visits to CIAPS, I was impressed with the considerable number of subjects willing to leave a mark in the workshops and in the hallways of the institution. The main objective of this research project is, therefore, to (i) analyse how inscription production can make conversation networks explicit and (ii) modulate the act of talking, setting new distinctions and emotions. This study is a qualitative intervention research which originated from the accomplishment of paths using TICs (information and communication technologies) by scope areas of PSF. Presenting the path as an indispensable method in consolidating work, this project has enabled a performative operation when meeting the inscriptions of that talking, which, during moments of collective problematisation, were reconfigured in the forms of photography and video. Aimed at a conversation between the participants and other networks, the Path Workshop resulted in shared actions which, at moments of breakdowns, opened new pathways into inventive cognition.

Keywords: Inscription. Workshop. Information and Communication Technologies. To talk.

*“Ninguém sonha duas vezes o mesmo sonho  
Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio  
[...]*

*Ainda não estamos habituados com o mundo  
Nascer é muito comprido”.*

*(Murilo Mendes)*

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

HPSP - Hospital Psiquiátrico São Pedro

PSF – Programa de Saúde da Família

SUS - Sistema Único de Saúde

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

UBS – Unidade Básica de Saúde

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
Pelos cursos do Oficinando.....	8
Inscrições institucionalizadas.....	9
Inscrições por outros campos.....	12
1 INTRODUÇÃO.....	17
2 INSCRIÇÕES NA LOMBA DO PINHEIRO.....	19
3 POLÍTICAS PÚBLICAS E ENGENDRAMENTOS NO TERRITÓRIO DO PSF – VILA VIÇOSA.....	24
4 PROBLEMA DE PESQUISA.....	27
5 OPERADORES CONCEITUAIS.....	29
5.1 O linguajar no percurso das inscrições.....	29
5.2 No curso do conhecer - por uma política inventiva da cognição.....	31
5.3 Percepção como configuração condutual do objeto.....	35
5.4 Conversar: o entrelaçamento entre o conversar e o emocionar.....	36
5.5 Rumo à visão performática.....	38
6 MÉTODO.....	42
6.1 Sobre o percurso e as TIC.....	44
6.2 Sobre a Oficina.....	47
7 SOBRE O PSF VILA VIÇOSA E OS PRIMEIROS PASSOS NO CAMPO.....	51
8 ENCONTROS DA OFICINA .....	54
8.1 A Oficina de construção do mapa.....	59
8.2 A Oficina no Percurso.....	65
8.3 Sobre o Percurso com a máquina fotográfica digital.....	70
8.4 Oficina de encontro às inscrições políticas e inventivas.....	74
8.5 Oficinando da fotografia ao vídeo.....	77
9 O PERCURSO E SEUS DESDOBRAMENTOS: CONSIDERAÇÕES DA EXPERIÊNCIA.....	82
REFERÊNCIAS.....	85
ANEXO .....	90



## APRESENTAÇÃO

### **Pelos percursos do Oficinando**

Se “a vida é a arte do encontro”, como nos diz o poeta Vinícius de Moraes, inicio esta dissertação falando de encontros. O encontro com a Psicologia Social e Institucional que me levou a este Programa de Pós-Graduação, o encontro com o Oficinando em Rede, o encontro com sujeitos, instituições e tecnologias.

É manhã, primeiro semestre do mestrado. Preparo-me para ir à Universidade ao encontro do grupo de pesquisa. Na reunião são discutidas as ações de pesquisa e extensão do Oficinando em Rede no qual se tem debatido as intervenções realizadas no serviço CIAPS. Em questão as Oficinas desenvolvidas na internação, no ambulatório, no fazer pesquisa e ser pesquisador no serviço. Com ações de pesquisa e extensão no CIAPS, um serviço que oscila às lógicas conflitantes, questiona-se até que ponto não estaríamos institucionalizados? Terminada a reunião saio do prédio da Universidade. Surge uma vontade imensa de conhecer o local (Diário de campo, maio/2009).

Um olhar em curso é o modo pelo qual o convido a transitar nesta dissertação. Através de encontros que perturbaram meu olhar compartilho esta escrita, cenas vividas no campo e vívidas na experiência.

Os primeiros passos desta dissertação iniciam-se quando, ao participar das reuniões do grupo de pesquisa, insiro-me ao Projeto Oficinando em Rede. Desenvolvido em parceria entre o Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o CIAPS (Centro Integrado de Atenção Psicossocial), fazendo parte do Hospital Psiquiátrico São Pedro, o Projeto vem, desde 2004, promovendo diversas ações conjuntas de pesquisa e também de intervenção naquele local. Sob os pressupostos da pesquisa-intervenção, o Oficinando em Rede viabiliza discussões sobre o modo como as tecnologias da informação e comunicação (TIC) podem afetar e contribuir para melhorias nos modos de atenção à saúde mental.

Ao apresentar como trama uma discussão no encontro da saúde com as tecnologias, diferentemente de uma composição que se estende verticalmente rumo à explicação científica, o Oficinando em Rede propõe a interação sujeito/objeto consolidando-se como ação de pesquisa e extensão. Ao trazer contribuições à problemática que se articula nas relações entre tecnologia-cognição, tecnologia-sujeito, lança questionamentos sobre a própria ação do pesquisar.

O Oficinando em Rede vem, ao longo de seis anos, pesquisando diferentes temáticas concernentes ao encontro das TIC com a saúde mental. As investigações e resultados traduzem-se em diversos trabalhos acadêmicos e artigos (SCISLESKI, 2006; VIANNA, 2008; DIEHL, 2007; MAURENTE, 2010; 2010; TANIKADO, 2010), promovendo operações de virtualização e atualização que incitaram deslocamentos nos modos de con(viver) na instituição.

Nas visitas impulsionadas pelo desejo de conhecer a instituição, como um *locus* onde se situa não o mapa genético, mas o mapa que fixa o lugar da loucura juvenil, a chegada ao CIAPS despertou um intenso sentimento de desconforto. Estranhamento que, também vivenciados entre os pesquisadores acima, devido a um modo de existência amplamente atravessado pela prática asilar, serviram de inspiração à realização deste trabalho.

### **Inscrições institucionalizadas**

Iniciar a dissertação apresentando o Projeto de Pesquisa Oficinando em Rede decorre da compreensão de entendê-lo como um disparador deste trabalho. No percurso que envolveu o encontro com campos diversos (Centro de Atenção Psicossocial, Unidade Básica de Saúde, e Programa de Saúde da Família), as atividades do Oficinando repercutiram no interesse de inserção ao projeto mediante a possibilidade de expandir nossas pesquisas a outros campos. Deste modo, sigo no texto abordando minha experiência a partir do encontro produzido com o CIAPS.

Num espaço que além da clausura é também cidade, como nos anunciou Scisleski (2006), meu encontro com o CIAPS serviu como via de acesso a chegada em outros pontos da

cidade que se interceptam com o hospital. Pontos, pontes, lomba, pinheiro e Bairro Partenon, lugares habitados por crianças e jovens que, muitas vezes, pelos desencontros de sua produção singular em redes fragilizadas, são levados ao CIAPS.

Relacionado ao espaço da cidade, o conhecer, verbo esse tão caro a essa produção, é abordado neste trabalho como uma ação efetiva no domínio do viver (MATURANA & VARELA, 2004). Quando me refiro, portanto, a conhecer a instituição, clarifico que não considero o fenômeno do conhecer como uma representação de objetos externos que tem uma existência independente das condições de observação. O posicionamento que assumo neste trabalho segue as ideias dos autores chilenos Maturana e Varela (2004), que postulam o conhecer imbricado à ação e à experiência.

Nas idas ao CIAPS com o intuito de conhecer o local, em uma de minhas primeiras visitas ao ambiente marcado pela prática asilar, deparei-me com algumas inscrições que provocavam questionamentos e que aos poucos foram gerando a problemática desta dissertação.

Dentre as inscrições existentes no serviço, as inscrições expostas eram as que mais me impressionavam. Tomo como exemplo um cartaz fixado na parede do corredor advertindo sobre o cuidado que os trabalhadores devem tomar para impedir eventuais riscos de fugas dos jovens. Nele era possível ler: Atenção! Perigo de fuga de jovens! - inscrição que assinala algumas das práticas cotidianas do serviço. Essa inscrição apresenta uma das grandes tensões existentes no serviço. Com uma das políticas do CIAPS que visa a reinserção social de seus usuários, a restrição apresentada pelo cartaz que impede o trânsito a outros espaços explicita a performatividade<sup>1</sup> da escrita agindo a favor de um modo institucionalizado.

As contradições/tensões se manifestavam também através da presença de grades e de portas chaveadas que contrastavam com a permanência de Oficinas, tornando os limites do serviço maleáveis. A realização de um blog na Oficina de informática, por exemplo,

---

<sup>1</sup> O termo performático deriva do verbo inglês *to perform* que, em correlação do substantivo ação, indica a realização de uma ação, não podendo ser considerado equivalente a dizer algo. Elaborado pelo filósofo inglês John Austin, parte da teoria pragmática situada dentro da chamada virada linguística (AUSTIN, 1990). O pensamento austiniano consiste em um verdadeiro marco divisor dos estudos linguísticos. Inaugurando uma nova concepção de linguagem: uma concepção performativa e pragmática de uso da linguagem, rompeu com a tradição de estudos linguísticos caracterizados pela ideia descritiva da linguagem (MARCONDES, 2005).

como um espaço de inscrições, permite certas brechas possibilitando que crianças e adolescentes compartilhem suas experiências para além do CIAPS, viabilizando a interconexão a outros espaços, entre os quais as suas próprias comunidades.

Os corredores do CIAPS não apresentavam quaisquer produções dos usuários. As paredes estavam “decoradas” majoritariamente por escritas produzidas pelos seus trabalhadores. Sustentando um regime informativo, organizativo e normativo, adequado ao ambiente regido pelos experts (profissionais), as práticas da escrita utilizadas demonstravam uma interação com as práticas de cuidado e do regime de interações entre usuários e trabalhadores.

Em outra ocasião, quando convidada a acompanhar a atividade denominada de “leitura do livro”, consistindo na leitura de um livro no qual os trabalhadores registram os acontecimentos “dignos” a serem escritos - o que na maioria dos casos se refere aos comportamentos indesejados dos usuários ao longo do dia -, percebia uma modalidade de escrita que operava, principalmente, como testemunho corretivo de comportamentos indisciplinados.

Envolvendo uma ação com efeitos de subjetividade, advinda de sua performatividade, a tecnologia da escrita utilizada no serviço expunha através de cartazes, prontuários e livro de registro institucional, modos de existência do/no local sinalizando formas de conhecer e de reconhecer-se naquela ecologia institucional. Advertência, disciplina e testemunho consistiam nas funções mais explícitas assumidas pela escrita no local.

Essas observações levaram ao início do desenho de uma pesquisa. Entretanto, em visitas subsequentes, percebia que as cenas de escritas que figavam meu olhar envolviam não somente os signos gráficos próprios da escrita, como também signos-símbolos em cenas dentro e fora da instituição.

## **Inscrições por outros campos**

As escritas no CIAPS ao longo do processo de construção da pesquisa foram sendo percebidas como uma das materializações possíveis de inscrições. O interesse inicial pelos signos alfabéticos, no decorrer de minhas visitas, foi sendo atualizado pelo interesse e foco em um conceito mais amplo de inscrições, conforme discutimos a seguir.

A visualização das práticas de escrita no CIAPS, somada às imagens externas deste serviço - envolto por muros e grades, com a entrada de acesso misturada à UERGS (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul) e ao HPSP -, constituíam as cenas que “fiscavam” o olhar extrapolando o signo-sinal (escrita) que, de acordo com Dubois et al (2001) refere-se à explicitação de uma indicação através de letras, cifras e traços. O interesse pelas escritas que mais tarde evoluíam ao interesse pelas inscrições distanciava-se da característica da escrita baseada, segundo Olson, Torrance e Siqueira (1997) e Chartier (1999), na possibilidade de separar discursos ao contexto em que foi produzida. Muito embora a escrita oportunize agenciamentos não mais sincronizados no tempo e espaço, segundo os autores, a experiência no CIAPS assumia outra configuração, já que neste apresentava-se fortemente entrelaçada à fonte de emissão e contexto em análise.

As inscrições visíveis na instituição são marcas encarnadas, sinalizam as práticas, distinguem agentes. Assim, não se trata mais de escrita (no sentido de distanciamento e generalização), mas de inscrições (no sentido de contingenciamento). A possibilidade de separar mensagens de contextos em que foram produzidas, característica divergente na experiência, como nos anunciam Olson, Torrance e Siqueira (1997) e Chartier (1999), pode provocar, segundo Lévy (1997), tendência à universalidade. Não é o caso das inscrições aqui referidas, pois só são inteligíveis em seu contexto, por isso, falaremos de inscrições encarnadas.

Embora distintas, a escrita e a inscrição podem manter alguns operadores semelhantes. Bernardo Carvalho (2007), em resenha realizada sobre o livro intitulado *Les Trois Écritures – Langue, Nombre, Code*, de Clarice Herrenschmidt, linguista do Instituto de Antropologia Social do Collège de France, anuncia sobre a peculiaridade da escrita:

Cada forma de escrita estabelece uma relação diferente entre quem a usa e o mundo. Na origem, as escritas semíticas, sem vogais, como o hebraico, punham o leitor-intérprete no lugar do profeta, emprestando sua voz às palavras de Deus. A linguagem era de origem divina. Deus retinha as vogais, que representam o som em sua forma gráfica. A escrita era a palavra de Deus, uma forma de enigma a ser interpretado. Nas escritas consonantes (sem vogais), o mundo e a linguagem fazem parte da mesma criação divina. Com a introdução das vogais no alfabeto grego, as palavras e as coisas se separam [...] a escrita passa a materializar a voz dos homens [...] a escrita representa não só o que não está presente, mas o que não existe (CARVALHO, 2007).

Da mesma forma, as inscrições estabelecem uma diferenciação entre quem as usa e o mundo. Ao percorrer as inscrições no CIAPS e, posteriormente, lembrando as que mais chamavam minha atenção, percebia a presença de inscrições envolvidas àquela ecologia. As inscrições nas paredes, cartazes, portas e livros apresentavam, além de um caráter performático, a condição de compartilhamento de um comum.

Embora em um primeiro momento imaginasse que o CIAPS poderia ser o local onde realizaria o trabalho de campo, mediante a proposta de realização de uma Oficina, a apresentação da pesquisa à equipe acarretou uma série de dificuldades para a implementação do projeto. A Oficina proposta previa saídas para caminhadas nas cercanias do hospital, as quais tinham impeditivos: a internação não propicia esse tipo de atividade e existia restrição terapêutica a diferentes sujeitos.

A caminhada pelo Bairro apresentava-se como estratégia metodológica à própria pesquisa, portanto, indispensável ao trabalho. Assim, tal restrição levou-me à busca de novo local para desenvolvimento da pesquisa.

Com um interesse de pesquisa desde o início voltado ao modo como os trabalhadores e usuários operam em determinado domínio do viver, a busca pelo campo seguiu o curso da viabilidade da pesquisa. Em um percurso que foi sendo delineado como um processo de problematização iniciado através de uma indagação ainda obscura nos seus primeiros trajetos, a mudança do campo de pesquisa teve como propósito a conservação do questionamento que mobilizou o estudo, posteriormente clarificado no questionamento sobre o modo como a produção de inscrições constituídas e que constituem o território operam no conversar.

A busca por novos territórios conectados com o CIAPS tem sido prática para o “Oficinando em Rede”. Com ações que sustentam a realização de oficinas abertas favorecendo o acesso a jovens, antes restritas aos usuários do CIAPS, promove-se a integração com a rede repercutindo em trabalhos que ampliam esses campos de ação.

Entre as diversas Oficinas desenvolvidas no CIAPS, a Oficina Linguagem da Cidadania realizada no ambulatório do serviço foi a precursora do movimento de ampliação. Marcando um redirecionamento das atividades do Oficinando em Rede, tal oficina propôs o estabelecimento de maior integração com a rede. Ao ofertar uma Oficina aberta a crianças e adolescentes da área de abrangência do CIAPS (Bairro Partenon e Lomba do Pinheiro) propunha a promoção de saúde e o exercício de cidadania integrando o uso de diferentes recursos de expressão - incluindo as TIC.

A expansão das Oficinas na rede de serviços de saúde despertou ainda mais meu envolvimento com as ações do Oficinando. Impulsionada pela proposta de intervir com ações envolvendo a rede, fui me deslocando de um percurso do CIAPS ao encontro de uma das Unidades Básicas de Saúde do município de Porto Alegre no Bairro Partenon, e desta para o Programa de Saúde da Família Vila Viçosa na Lomba do Pinheiro.

A constituição do campo de pesquisa levou-me a um segundo movimento, à reunião com a Equipe de Matriciamento do Centro Escola de Saúde Murialdo (CESM), na Gerência Distrital de Saúde VI (Partenon e Lomba do Pinheiro), para a apresentação da proposta de intervenção. A ideia de contatar com a equipe surgiu do interesse em permanecer no território em que o CIAPS oferece assistência, promovendo a ampliação de referências aos jovens na rede.

Da reunião com a equipe de matriciamento da CESM surgia a possibilidade de realização de uma Oficina em uma Unidade Básica de Saúde no Bairro Partenon. O interesse pelo trabalho na UBS decorria da necessidade apresentada pela equipe de Oficinas dirigidas a adolescentes e trabalhadores de saúde naquele local.

Na chegada à UBS, que ocorreu junto a uma das coordenadoras da Equipe de matriciamento do Centro Escola de Saúde Murialdo, percebia paredes repletas de informações. Tratando sobre campanhas de saúde, horários de funcionamento e da aquisição de fichas para atendimento, entre outros, podemos dizer que as inscrições expunham um

modo de trabalhar na saúde com ações voltadas à comunicação informativa. Esse padrão informativo pode ser o prenúncio de um investimento em uma cognição recognitiva.

No primeiro encontro na Unidade, composta por profissionais (equipe fixa) e residentes do serviço, recebia o aceite de realização da intervenção e da pesquisa no local. Entretanto, após o tempo de espera de aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS e da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre para a realização do trabalho, sou noticiada do desinteresse da Unidade à atividade através do relato da enfermeira do Posto, justificando que a proposta de realização conjunta com usuários e trabalhadores seria difícil, face ao posicionamento da nova coordenadora e saída dos residentes interessados. Além deste aspecto, percebia que o modelo de Oficina valorizada na UBS, baseado na homogeneidade das problemáticas entre os participantes (como por exemplo, grupo de hipertensos e diabéticos), apresentava um caráter mais informativo que de produção, divergindo da Oficina proposta.

Do desencontro com a UBS e CIAPS, percebia que o desenvolvimento de uma pesquisa-intervenção implica não da escolha de um campo, mas de sua construção. A pesquisa-intervenção tem como um de seus pressupostos o fazer compartilhado, o fazer com. A busca por uma ecologia afim com uma política de saúde integral somava-se à visão de Oficina como um dispositivo de pesquisa e intervenção ao encontro de uma produção em comum.

Os encontros e desencontros na construção do campo de pesquisa mostram as peculiaridades de uma metodologia que propõe intervir-com para conhecer. Assim, nesta perspectiva não existe um campo ideal aguardando o pesquisador, mas sim um encontro no qual a experiência da pesquisa seja potencializada.

A chegada ao território da Lomba do Pinheiro ocorreu como um desses encontros potentes entre campo e pesquisa, viabilizado por um novo contato com uma das coordenadoras do grupo de matriciamento da gerência distrital VI. Logo na chegada ao serviço de saúde, fui surpreendida pela modalidade de suas inscrições. Exibindo peculiaridades em relação às inscrições materializadas nas escritas do CIAPS e UBS, as inscrições neste PSF prenderam meu olhar uma vez que muitas delas eram fotografias.



Coladas em um mural e presas na parede central na recepção do PSF, as fotografias apresentavam marcas de um fazer em parceria com os usuários. Exibindo encontros festivos, como a festa de Natal e o Dia das Crianças, organizada por usuários e trabalhadores do PSF, a exposição das fotografias na entrada do serviço distanciava-se das inscrições institucionalizadas próprias de uma posição de saber unidirecional e prescritivo.

Entre os profissionais presentes na reunião, as falas da enfermeira coordenadora do PSF, do médico e da agente comunitária, ao enfatizarem que simpatizavam com a realização de Oficinas não centradas em classificações nosológicas, vieram ao encontro do interesse da pesquisadora. Depois de algumas combinações quanto à duração, frequência, modalidade e local onde as Oficinas aconteceriam, causava surpresa a valorização e o interesse de cada um dos participantes da equipe.

A realização da Oficina com os usuários e trabalhadores do PSF delineava-se com objetivos afins. Com propostas não restritas à área física do serviço, desenvolvendo ações que avançam nas ruas, casas, escolas, associação de moradores da comunidade da Lomba, o PSF dialogava com a proposta de pesquisa. O desenvolvimento da Oficina do Percurso, agora em sintonia ao serviço, era a aposta de um trabalho que viria a somar as ações já realizadas na comunidade.

O desenvolvimento de uma pesquisa-intervenção mediante a estratégia de proposição de Oficinas com o uso das TIC encontrava naquele local uma realização possível. Além de convergirem quanto ao entendimento de Oficina, a proposta metodológica de caminhadas pelas ruas do Bairro com o uso da máquina fotográfica com profissionais e usuários, visando novos encontros no território, convergia aos interesses do serviço.

Os caminhos que foram sendo atualizados na construção do campo apresentam amostras de uma problemática que pode ser pregnante nos momentos iniciais da mesma, não cessando de se atualizar. No desdobramento do trabalho existem movimentos no campo que repercutem sobre as questões pesquisadas. Em nosso caso, o deslocamento na produção de um campo de pesquisa produziu concomitantemente o deslocamento no foco do trabalho: das escritas às inscrições, conservando a intensidade de sua relação contingente.

## 1 INTRODUÇÃO

A realização de percursos não lineares, mas de caminhos guiados por ações em deriva, produziram este trabalho. Um caminho que avesso à ideia de destino final propõe um trajeto bifurcante que não cessa nesta produção, mas ao contrário, prossegue na leitura que percorre neste texto e nos olhares diversos dos participantes da experiência. A escrita que proponho é a materialização deste processo-produto que, atualizada pelos leitores, pretende manter acesa a virtualização abrindo brechas a novos caminhos.

A produção das inscrições que no curso das emoções apresentam-se em ações coordenadas recursivamente são analisadores nesta produção. Seguindo cursos que no encontro com as tecnologias da informação e comunicação (TIC) ressignificam os modos de inscrever de distintos observadores, é na realização de uma Oficina em Percurso na Lomba do Pinheiro em Porto Alegre que este trabalho se desenvolve.

A composição do texto segue o curso da experiência que, composta por diversos trajetos, passou por momentos de paradas e prosseguimentos, ações que, não antagônicas, mas complementares, proporcionam mobilidade no pesquisar. A disponibilidade por novos encontros, novos campos, presentes no decorrer do mestrado, suscitaram deslocamentos na pesquisadora e reconfiguraram a própria indagação inicial no sentido de buscar enfatizar a relação contingencial das inscrições.

Inserir-se no campo de pesquisa é colocar-se no jogo, é deixar-se afetar pelos fluxos que mobilizam os afetos. Na caminhada realizada pelas ruas da Lomba do Pinheiro, na localidade da Parada 13, sujeito e objeto constituem-se na experiência.

A caminhada nos dias frios, quentes, ensolarados e chuvosos, os encontros com os meninos e trabalhadores que fizeram parte da Oficina, o deslocamento à Lomba do Pinheiro, a pedrada que atingiu o carro da pesquisadora no acesso ao território, as surpresas ao conhecer e compartilhar os modos de viver, fazem parte da ecologia que percorremos neste trabalho.

Ao pesquisador e demais participantes da Oficina, na perspectiva de uma Ecologia Cognitiva apresentada por Lévy (1997), couberam um espaço de agenciamentos envolvendo

modos de conhecer. Neste texto, o leitor encontrará, portanto, cursos móveis que envolveram a atualização da própria problemática que disparou este trabalho.

Os capítulos fazem menção aos caminhos que na Oficina abriram passagens. Aberturas que acompanhadas pelas TIC conduzem em deriva estrutural corpos a caminhos inventivos.

Na experiência de caminhos que cruzam fotografia, mapa e vídeo, nos direcionamos à dinamicidade própria de um percurso performático. Da construção de um mapa-bairro que reconfigurou-se na experiência do percurso fotográfico é produzido um vídeo que caminha a novos encontros. É nestes encontros que convido a me acompanhar, tendo como foco a realização de uma leitura que avança coletivamente a novos cursos.

## 2 INSCRIÇÕES NA LOMBA DO PINHEIRO

O encontro com o Oficinando em Rede em 2009, quando de meus primeiros passos no Mestrado, proporcionou no decorrer deste processo o interesse pelas produções de inscrições pela cidade. Como um espaço repleto de signos, imagens, sons, as inscrições abordadas dizem respeito a um modo de operar na linguagem implicado a uma historicidade e a uma territorialidade que produz sentidos e marcas no espaço.

Como já referido acima, a construção de um campo afinado à proposta de realização de uma Oficina tecnológica aberta à comunidade que integra a Gerência Distrital VI, ampliando às ações do Oficinando em Rede a outros espaços, levou ao território<sup>2</sup> da Lomba do Pinheiro. Sendo assim, neste ponto, realiza-se a apresentação do território tendo em vista que o mesmo modula a rede de conversação que especifica certo domínio do viver.

Em região que faz divisa com o município de Viamão, a Lomba do Pinheiro apresenta-se em meio ao espaço urbano com extensa área verde. Mantendo características rurais até meados da década de 40, guarda marcas de suas primeiras ocupações contendo cenas que ora oscilam entre a configuração urbana e rural.

Na experiência de realização de caminhadas pela Lomba do Pinheiro, inúmeros sítios se misturam às crescentes construções de condomínios verticais e horizontais tão frequentes nas paisagens urbanas. As brincadeiras infantis que podemos encontrar no território preservam o contato com a natureza. É frequente a rua servir de espaço para brincadeiras e, pela geografia que favorece a prática de correr com carrinhos de lomba, persiste como uma das principais atividades. Além destas, reunir amigos em frente a suas casas ouvindo música constitui a rotina de muitos adolescentes.

---

<sup>2</sup> A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI e ROLNIK, 1986 p. 323). Assim, não equivalente a um meio físico ou social, segundo Kastrup(2008) próximo ao conceito de domínio cognitivo é criado através de praticas cognitivas concretas envolvendo uma invenção de si e do mundo de forma indissociável.

Em espaço da cidade em que as áreas externas são ainda ocupadas para o lazer, ao contrário de outras localidades urbanas, em que a rua torna-se apenas uma via de acesso para se chegar a diferentes lugares, a proposição de realização de caminhadas pelo bairro apresenta-se como ação congruente ao território. Entretanto, face às desigualdades socioeconômicas, persiste nas cidades a construção das regiões populares como regiões perigosas, fazendo com que a ocupação da rua torne-se prática cada vez menos expressiva. O fato de alguns condomínios fechados estarem sendo construídos na região faz com que a rua não seja mais de domínio público dos moradores do bairro.

A ocupação dos espaços públicos, como as ruas das grandes cidades, tem passado nas últimas décadas por consideráveis reformulações. Utilizadas predominantemente apenas como espaços de passagem, os encontros e reuniões nestes locais se tornaram diminutos. O desemprego e o conseqüente aumento da pobreza que eclodiu na década de 80, somados a práticas menos repressivas com o término dos governos militares e o destaque da imprensa à questão da violência, tem acarretado, segundo Coimbra (2001), uma maior preocupação com a segurança pública, o que nos leva a pensar na ocupação da rua restrita a passagem de transeuntes.

A insegurança que também repercute na reconfiguração do território da Lomba do Pinheiro tem promovido inúmeras ações junto ao policiamento civil e militar. Em 2009, por exemplo, ocorreu o Fórum Nacional de Justiça e Segurança Pública tendo como propósito a Conferência Livre sobre o tema Prevenção do Crime e da Violência e a Construção da Cultura da Paz. Além disso, ao se chegar à Lomba, a poucos metros de acesso ao Bairro pela Avenida João Remião, a presença da 21ª Delegacia de Polícia de Porto Alegre integra o território sinalizando a preocupação com a segurança pública que, desde as primeiras investidas da pesquisadora à Lomba do Pinheiro dá mostras de vulnerabilidade quando esta é surpreendida por uma tentativa de assalto na via a cerca de 50 metros do local.

A preocupação com a proteção nos espaços públicos teve seu auge nos anos 90 repercutindo no isolamento e “fuga” ao meio externo. Com movimentos expressivos à busca por mecanismos de segurança e proteção, desde o final da década de 80 assiste-se, segundo Cecília Coimbra (2001; 2003) a um elevado crescimento da segurança privada.

A produção do medo, como enfatiza Coimbra (2001), provoca “a militarização do cotidiano”, repercutindo no ostensivo policiamento às ruas e na proliferação de condomínios

particulares, fazendo destes espaços locais de ocupação restrita. Segundo Coimbra (2003), a segurança pública que, desde a República é sinônimo da desordem urbana, ainda mantém como solução à ordem e à segurança práticas de segregação e exclusão da população mais pobre às elites, fato que corroborou na ocupação predominantemente pobre na Lomba do Pinheiro.

O medo e a insegurança entendidos como fruto de ameaças “externas” fazem com que a rua e os demais espaços públicos passem a ser evitados e substituídos cada vez mais pelos espaços privados (COIMBRA, 2003). Deste modo, na contramão à forte tendência ao isolamento, a ocupação da rua na Oficina do Percorso surge em meio à resistência de esvaziamento dos espaços públicos.

Diante da ocupação do público que resiste na Lomba do Pinheiro, embora a existência dos primeiros condomínios fechados que começam a ser construídos, a proposta de realização de caminhadas pelo Bairro surgiu no encontro dos modos como ainda operam cotidianamente somado a aposta metodológica que, na experiência com o campo possibilita conhecer a produção de suas inscrições, de experienciar como coordenam recursivamente suas ações em espaço relacional definido. O estudo das inscrições envolveu a linguagem, que como condição indispensável à constituição do humano, através de suas emoções, modulam modos de viver constituindo o território, ou seja, tomamos as inscrições como um analisador dos modos como o território e as pessoas nele se constituem configurando modos de viver.

Apresentando poucos documentos históricos escritos, a história oral é a principal fonte de acesso sobre a Lomba do Pinheiro. Povoada inicialmente por famílias portuguesas que cultivavam a terra e a criação de animais, a rua de acesso principal à região homenageia um de seus mais antigos moradores, o comerciante João de Oliveira Remião.

A área que compõe a Lomba do Pinheiro era uma sesmaria que pertencia a Afonso Lourenço Mariante. Advindo da região do Açores, em Portugal, no início da ocupação, não tendo filhos biológicos, adotou Rafaela Serpa, filha de uma de suas empregadas que mais tarde consolidou matrimônio com João Remião.

Rafaela, proprietária de extensa área de terras, passou a realizar doações de seus lotes às famílias sem moradias, recebendo em troca parte da produção agrícola que viriam a produzir. A partir da década de 60 e 70, a Lomba do Pinheiro passou a ser povoada por

pessoas advindas de outros Bairros de Porto Alegre. Corroborando a sua ocupação, a enchente ocorrida em 1965 favoreceu a integração, sendo que os recolocados pela enchente foram na maioria negros e pobres (FREIRE, 2000).

Atualmente a Lomba do Pinheiro apresenta uma população preponderante advinda do interior do Estado. Composta por 36 Vilas com área de 3.214ha e 63.000 habitantes, muitas de suas áreas não estão legalizadas (OBERRATHER ET AL, 2008). As Vilas 1º de Maio e Stelamar que são assistidas pelo PSF Vila Viçosa foram invadidas no ano de 1990 (FREIRE, 2000).

Nominada de Lomba do Pinheiro em 1962 mediante um projeto de lei, segundo Freire (2000), o Bairro foi criado oficialmente pela Lei 2002 de 07/12/1959, passando por algumas alterações através da Lei 7954 de 08/01/1997, no qual foram anexadas à capital algumas Vilas que pertenciam à Viamão. Caracterizada por uma consolidada organização comunitária, a busca de seus moradores por melhores condições de vida no bairro apresenta-se como luta constante.

A regularização de terrenos e a busca por melhor infraestrutura foram os principais interesses para a organização das associações de moradores. Organizados em diversas associações nas diversas Vilas da Lomba do Pinheiro, a primeira constituiu-se na Vila São Francisco em 1956, sendo a precursora da categoria no Rio Grande do Sul. Destacado por sua diversidade cultural, suas associações comunitárias revelam-se como importante espaço político (FREIRE, 2000; OBERRATHER ET AL, 2008).

A apresentação da Lomba do Pinheiro com seus elementos históricos são mencionados neste capítulo por serem constitutivos do campo. Como um espaço da cidade onde operam coordenações entre sujeitos, a ela estão implicados domínios culturais de conduta. Temos assim, a partir de sua historicidade, contribuições importantes no que tangem às suas inscrições, ao modo como produz e é produzida no campo, bem como os modos de comunicação envolvidos.

O interesse pelas inscrições na cidade implica a sua própria paisagem e os percursos históricos oferecem pistas ao modo como opera e é operada. Na interação entre observadores e mundo, numa visão performática, as perturbações marcadas nas inscrições e efeitos destas configuram a paisagem e também são configuradas pelas mesmas.

Ítalo Calvino (2003) na obra *Cidades Invisíveis*, num diálogo imaginado entre o viajante veneziano Marco Polo e o imperador Kublai Khan que deseja montar um império perfeito a partir das descrições de Marco, faz um alerta sobre as várias maneiras de falar de uma cidade, dizendo que é possível fazer referência a suas torres, pontes e bairros de modo a descrevê-la no passado, presente e futuro. Nas passagens de um reino ao outro - nas passagens de uma cidade a outra, através de um discurso metafórico o autor mostra sobre a possibilidade de construção de diferentes cidades que, constituídas no reencantamento do mundo e das ações, passam por um processo inventivo que depende daquele que o olha e o constitui de forma inseparável de nossa história de ações.

O mundo que vemos não é o mundo, mas um mundo cujo significado e sentido só existem quando tecemos de modo compartilhado a nossa própria vivência de cada coisa, de cada situação. Apenas desse modo podemos dar visibilidade ao mundo, à vida cotidiana como lugar de encontro, de acasos compartilhados, perceber que o mundo não existe independentemente de nós (Aguiar, 2003, p.142).

Da experiência de encontro com o Bairro, cabe ultrapassar a descrição geográfica. Segundo Aguiar (2003), pensar as cidades enquanto forma é inconsistente, estas precisam se geografizar, serem atribuídas de conteúdo, vida. Enquanto Aguiar ressalta o significado e o sentido que envolve a cidade, os biólogos Maturana e Varela priorizam a produção e não a representação e, é deste olhar atento pela produção de inscrições - como uma forma que propicia a comunicação nos espaços da cidade - que se delinea esta dissertação.

Assim, antes de adentrarmos diretamente na questão das inscrições, situaremos o espaço de encontro que se deu no PSF que, inserido nas Políticas Públicas nos incita a uma breve discussão ao panorama da saúde nacional. Apresentando um trabalho direcionado às famílias de uma população adscrita, mencionamos a seguir peculiaridades do PSF que oportunizou a consolidação da Oficina do Percurso junto a adolescentes e trabalhadores articulados ao serviço.



### **3 POLÍTICAS PÚBLICAS E SEUS ENGENDRAMENTOS NO TERRITÓRIO DO PSF VILA VIÇOSA**

A pesquisa, ao envolver a realização da Oficina do Percurso com adolescentes no território do PSF Vila Viçosa, nos conduz a uma breve reflexão sobre o modo como as políticas públicas brasileiras vem articulando em suas ações a assistência a esta faixa etária da população. Para tanto, abrimos inicialmente uma breve discussão sobre as políticas de saúde tendo como foco o trabalho no PSF Vila Viçosa seguidos da noção de saúde implicada e do problema de pesquisa que impulsionou este trabalho.

As políticas públicas destinadas aos adolescentes como nos afirmam Ferrari, Thomson e Melchior (2008), a partir de um estudo que teve como objeto a análise da percepção de médicos e enfermeiros sobre a atenção à saúde do adolescente no PSF, demonstram o quanto as políticas públicas brasileiras tem se desenvolvido de forma fragmentada e desarticulada. Assim, ao referenciam a citação de Maria das Graças Rua (1998) de que "cada setor do governo desenvolve suas políticas, estratégias e ações isoladamente [...] não representando um trabalho intersetorial expressivo dirigido à integralidade da atenção ao adolescente" (p. 731), apresentam o Programa de Saúde da Família como uma aposta importante por trazer aproximações às condições socioculturais cumprindo os princípios norteadores do SUS.

A implementação de medidas destinadas aos adolescentes tem se tornado necessário e fomentada pelas políticas ministeriais de saúde. As desigualdades sociais, políticas e econômicas que fazem parte do panorama brasileiro têm corroborado a situações de vulnerabilidade pelo qual passam muitos adolescentes. No Brasil, a partir da década de 80 – fase com notória crise econômica, surgiram inúmeras medidas políticas e sociais voltadas a esta faixa populacional, sendo o ano de 1985 considerado o Ano Internacional da Juventude pela Organização Mundial de Saúde (OMS), face ao importante incremento de medidas políticas e sociais aos adolescentes.

Já na década de 90, sob o contexto de atenção à saúde dos adolescentes, o lançamento da estratégia direcionada às famílias pelo Ministério da Saúde surge como uma ação política que veio a somar com as demais medidas anteriormente adotadas. Cabe ressaltar que, com um caráter ímpar, o PSF apresenta peculiaridades se comparado às outras ações, já que está

engajado a uma proposta não mais centrada a um adolescente isolado, mas a todo seu contexto familiar.

Articulado à proposta de acesso universal com práticas de atenção integral voltada às famílias, a operacionalização mediante a implantação de equipes multiprofissionais em unidades básicas de saúde em áreas delimitadas geograficamente tem se apresentado como um potente aliado à promoção da saúde aos adolescentes. Atribui-se ao PSF a importância de ter sido consolidado como a primeira política de atenção primária de abrangência nacional, retomando algumas propostas de políticas federais no final dos anos 70 e início dos 80. Inicialmente visando a expansão pela cobertura e inclusão de grupos sociais marginalizados atualmente, o PSF apresenta-se como a principal porta de entrada para o sistema de saúde (MARQUES & MENDES, 2003).

Emergindo de um contexto de restrição e racionalização dos gastos na saúde, o PSF consolidou-se como uma estratégia para a reorientação e reorganização do modelo de atenção à saúde no Brasil. Tal estratégia integra um conjunto de medidas da atenção básica provenientes do reconhecimento de que as iniciativas do SUS ainda mantinham resultados insatisfatórios quanto à estruturação dos serviços de saúde por não promover alterações significativas no modelo assistencial (SENNA, 2002). Como uma ação de substituição ao modelo de assistência tradicional, o PSF apresenta uma série de mudanças em suas práticas e organização da assistência à saúde com reorientação da atenção centrada na família<sup>3</sup>.

A prática das visitas domiciliares e a busca ativa, somada ao acompanhamento às famílias dos adolescentes, tem colaborado ao acesso de muitos usuários antes à margem de serviços alicerçados pela demanda espontânea. Ação preconizada no PSF Vila Viçosa, as visitas realizadas predominantemente pelas agentes comunitárias de saúde, tem corroborado à integração destes jovens aos trabalhos da Unidade. No entanto, como alerta Vasconcelos (1999) apresentando-se como um risco à promoção de uma cultura tutelar de negação a autonomia familiar, tais práticas mantidas como propostas do PSF justificam-se na medida em que favorecem a adoção de políticas mais equânimes. Como salienta o autor, trata-se de intervenções necessárias face à constatação de que famílias em situações mais precárias tendem a se manterem distantes dos sistemas de saúde, tornando-se, por vezes, mais vulneráveis.

---

<sup>3</sup> A noção de família é compreendida a partir do território das relações estabelecidas considerando as condições socioeconômicas em que estão inseridos

A vulnerabilidade das famílias, e conseqüentemente dos adolescentes, é preocupação que tem se mostrado frequente aos trabalhadores do PSF Vila Viçosa. Desde as primeiras aproximações no campo, com a proposta de Oficina voltada aos adolescentes e trabalhadores do serviço, as questões que envolvem risco social repercutiram na inclusão de alguns adolescentes à Oficina.

Conforme a narração dos trabalhadores do PSF, o crescente envolvimento dos jovens com o tráfico de drogas tem se apresentado como fator de risco ocasionando grande preocupação à equipe. Assim, com o intuito de estabelecer uma maior aproximação com muitos destes jovens, considerados em risco social pela Equipe, a composição da Oficina do Percurso sofreu forte atravessamento das considerações de risco descritas pelos trabalhadores em relação aos jovens no território adscrito.

Compreendida como uma ação na Rede que viria a somar com os esforços dos trabalhadores de prevenção e promoção à saúde, tomamos a Oficina do Percurso, com o uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC), como um dispositivo de fomento à problematização nas inscrições existentes no território de vida. Assim, ao lançarmos a questão aos integrantes da Oficina sobre o modo como vivem/convivem no território da Lomba do Pinheiro, nosso interesse focalizou-se no modo como as produções de inscrições que modulam e são moduladas na rede de conversação operam na comunicação entre os participantes.

#### 4 PROBLEMA DE PESQUISA

Com aspectos que convergem ao paradigma da Vigilância e Promoção em Saúde, o PSF tem revelado um modo de operar congruente à noção de saúde não mais entendida enquanto ausência de doença, passando a ser relacionada ao contexto social, cultural e econômico. Canguilhem (1995), ao analisar as relações entre normal e patológico no séc. XX, com o conceito de saúde em uma dimensão normativa, possibilita o estabelecimento de uma reflexão a respeito deste conceito com alguns pontos de encontro com a Biologia do Conhecer - referencial teórico que sustenta este trabalho.

Georges Canguilhem (1995), em sua visão vitalista, procurou estabelecer uma distinção entre normalidade e saúde, afirmando que a normalidade enquanto norma de vida engloba a saúde e a doença numa visão de conjunto, esclarecendo que ambas são normais. O que caracteriza a saúde, segundo o autor, é a capacidade normativa com a instituição de novas normas com abertura e modificações.

A saúde constitui normas que se caracterizam pela capacidade de tolerar variações da norma, atribuindo ao homem sadio a possibilidade de criar novas normas. Assim, se a saúde é estabelecida em uma relação normativa como nos alerta Canguilhem (1995), numa capacidade de criação e regras na relação com o mundo, o encontro com a Biologia do Conhecer pode ser estabelecido em relação ao acoplamento do ser vivo ao meio.

Para Maturana (1999), o ser vivo é um sistema dinâmico em constante variação em seus domínios estruturais, e para Canguilhem (1995), a vida só se mantém a partir da capacidade de ser normativa - estando implícita a possibilidade de questionamentos destas normas à produção de novas -, mantendo-se criativa no co-engendramento ao meio no fluir dos encontros.

A vida não é, portanto, para o ser vivo uma dedução monótona, um movimento retilíneo; ela ignora a rigidez geométrica, ela é debate ou explicação com um meio em que há fugaz, vazios, esquivamento e resistências inesperadas (CANGUILHEM, 1995 p. 160-161).

Se a saúde é uma relação normativa como nos alerta Canguilhem (1995), o trabalho no PSF demanda intervenções nas quais esse exercício inventivo possa ser fomentado. Uma cognição inventiva antes de buscar resolver os problemas é eminentemente problematizadora. Tal termo empregado por Kastrup (1999) diz respeito não à solução de problemas, mas se define como invenção de si e do mundo, nos permite indagar se a Oficina do Percurso pode operar como um dispositivo capaz de fomentar problematizações nas inscrições existentes no território de vida de seus integrantes. Apostamos que a Oficina do Percurso possa ser um potente dispositivo à ocorrência de perturbações constituindo “quebras” na história de acoplamentos anteriores, referenciados por Varela (1995) como os momentos de *breakdowns*<sup>4</sup> que constituem rompimentos no fluxo cognitivo habitual rumo à invenção de si e do mundo.

Mais especificamente, a questão de pesquisa trata de compreender como a produção de inscrições pode, ao mesmo tempo, explicitar os modos de conversar situado, como também modular esse mesmo conversar configurando novas distinções e emoções. Apostamos que isso se deva ao caráter contingente das inscrições, bem como a sua operação performática. Para explicitar a questão e a aposta que fazemos acima, é necessário traçar um percurso teórico que contemple as relações mencionadas.

---

<sup>4</sup> O *breakdown* refere-se aos momentos de rachaduras/rupturas no modo como interagimos com o mundo promovendo a problematização. De acordo com Varela (2003) no texto “O Desencantamento do Abstrato”, *breakdown* diz respeito a quebra na continuidade cognitiva que propicia o lado criativo da cognição: “E são os colapsos, as junções que articulam os micromundos, que constituem a origem do lado autônomo e criativo da cognição viva” (p.78). Segundo ao autor o *breakdown* ocorre, por exemplo, quando ao andarmos pela rua de modo tranquilo, colocamos a mão no bolso e, ao descobrirmos a ausência da carteira que deveria estar lá, experienciamos um colapso: paramos, mudamos a tonalidade da emoção emergindo um novo mundo. Segundo Kastrup (1999) o *breakdown* é da ordem da imprevisibilidade, é um processo contínuo de desestabilização, uma rachadura na continuidade cognitiva assegurando o fluir da conduta.

## 5 OPERADORES CONCEITUAIS

### 5.1 O linguajar no percurso das inscrições

As inscrições, ou melhor, o modo de produção de inscrições, tem se apresentado como problemática que moveu o interesse para a realização da Oficina do Percurso com usuários e trabalhadores envolvidos no PSF<sup>5</sup> Vila Viçosa na Lomba do Pinheiro. Tomar a produção de inscrições como um objeto de pesquisa visa evidenciar que ações estão nelas cristalizadas e como podem, do mesmo modo, servir de dispositivo performático, produzindo novas ações e novos conversares.

O posicionamento epistemológico assumido neste trabalho está alicerçado especialmente na Biologia do Conhecer, e a partir destes pressupostos que problematizam-se as inscrições. Consideradas aqui como produções que ocorrem em redes de conversação, as inscrições são compreendidas como coordenações de ações que deixam marcas produzindo modos de viver e os mundos nos quais se vive. Distinguidas pelos participantes da Oficina do Percurso nos signos, em placas de trânsito, nos cartazes e fotografias expostas nos serviços de saúde, nas pichações que preenchem os muros e casas do bairro, no lixo depositado nas calçadas, e outros, as inscrições como propôs Diehl (2007), são “modificações que os humanos fazem em seu meio e que adquirem estatuto simbólico” (p.14).

Tomando as inscrições como modo de operar na linguagem, considera-se como coordenações de coordenações de ações que ocorrem na interação entre seres linguajantes. Coordenações de ações, que associadas à história<sup>6</sup> individual, em espaço de experiência requerem consenso, ou seja, requerem a operação de estar juntos a coordenações de ações com outros seres resultantes da conversação, para constituir um em comum. Consenso não no sentido de um denominador comum, no qual as diferenças devam ser deixadas de lado em

---

<sup>5</sup> Optamos nesta dissertação a manutenção da denominação de Programa de Saúde da Família (PSF), entretanto, cabe lembrar que a partir da portaria ministerial nº 648 firmada em 2006, o PSF passa a ser nominado de Estratégia Saúde da Família(ESF).

<sup>6</sup> A história de um ser vivo diz respeito a uma história de interações que desencadeiam nele mudanças estruturais não importando se tais mudanças são grandes ou pequenas. A história de interações de um ser vivo no meio persiste enquanto se conservarem a organização do ser vivo e a correspondência com o meio (MATURANA, 2001).

prol de uma identidade (identificação). Consenso no sentido de uma congruência operacional, uma dança de ações e de coordenações que vão ganhando uma certa estabilidade no domínio onde se repetem.

Como um fenômeno social que se origina em nossa história comunicativa, as inscrições consistem em um operar em coordenações de coordenações condutuais consensuais e é por esse motivo que mantém seu sentido contingente ao território no qual emergem. Constituída no fluir de encontros corporais recorrentes, como uma forma de linguagem, as inscrições não ocorrem na palavra, gesto ou conduta por si só, mas no espaço de coordenações de coordenações consensuais de ação concatenados à experiência.

No percurso pelo Bairro da Lomba do Pinheiro, realizando inúmeras produções fotográficas mediante a Oficina do Percurso, concebia-se a noção das inscrições não como signos isolados, mas, por outro lado, envolvendo um conversar que resulta do somatório do linguajar<sup>7</sup> com o emocionar. Produzida em determinado domínio do viver, as inscrições são entendidas como marcas espaciais que são distinguidas no operar do observador e que por isso não são encontradas de forma independente a este.

As inscrições podem ser percebidas em diversas superfícies. Podemos distingui-las, por exemplo, em produções fotográficas e/ou videográficas, como em marcas deixadas na parede, em placas de trânsito e outros, ressaltando, entretanto, que assim as consideramos quando relacionadas ao fluir do linguajar e do emocionar em que foi concebida. Adquirindo concepções diversas, segundo a rede de conversação que as originam no encontro com o emocionar de diferentes sujeitos linguajantes, o interesse pela produção de inscrições surge como aposta a se constituírem enquanto um potente dispositivo de mudanças das conversações a partir do fluir de modificações no emocionar alterando assim o linguajar.

---

<sup>7</sup> O linguajar é um neologismo utilizado por Maturana ao transformar o substantivo linguagem em verbo. Ao fazer isso, assim como ocorre com a emoção e o emocionar, traz a contribuição de que o seu significado ocorre no fluir do viver.

## 5.2 No curso do conhecer – por uma política inventiva da cognição

Maturana e Varela (2004) apresentam três sustentações importantes que dimensionam as reflexões sobre o conhecer. Anunciando que o conhecimento não é limitado ao processamento de informações oriundas de um mundo anterior à experiência do observador, os autores esclarecem que o conhecimento, o observador e o mundo emergem de um mesmo ato de distinção. Conhecer é um ato político, segundo os autores é uma “efetividade operacional no domínio de existência do ser vivo” (2004, p. 35), envolve a forma do observador - que pode ser cada um de nós - de perceber o mundo num ato compartilhado entre o individual e o social.

Na segunda consideração os autores afirmam que os seres vivos são autônomos e autoprodutores, capazes de produzirem seus próprios componentes ao interagir com o meio; assim, caracterizados por sistemas com uma organização fechada e estruturalmente determinados. Isso significa que as interações agem como perturbações, não determinando o que vai acontecer. Interações que desencadeiam mudanças determinadas na própria estrutura do ser, e não pelo agente externo; esses últimos, não especificam ou determinam o que ocorre com o ser.

Constituídos pela organização autopoietica<sup>8</sup>, os seres vivos gozam de uma autonomia relativa a sua organização. Assim, os seres vivos não se limitam a receber passivamente informações vindas de fora.

Quanto à terceira afirmação, Maturana e Varela enfatizam que não há descontinuidade entre o social, o humano e suas raízes biológicas. Salientam assim a importância de entender a configuração dos seres vivos como unidades autônomas com uma organização autopoietica determinante do fenômeno biológico.

A Autopoiese é uma noção derivada do grego *poiesis* (criação) e *auto* (próprio). Foi proposta por Humberto Maturana e Francisco Varela a fim de buscar uma explicação para

---

<sup>8</sup> A autopoiese significa autoprodução, autocriação. Um sistema autopoietico é capaz de produzir-se a si mesmo na interação com o meio em que vivem (MATURANA & VARELA, 2004). A teoria da Autopoiese é uma teoria do vivente sustentada pela capacidade de se autoproduzir mantendo a organização autopoietica.



distinguir seres vivos e não vivos, esclarecendo que para que a vida continue se diferenciando há a necessidade de conservação da autopoiese e a manutenção da congruência ao meio.

Descrevendo o caso das meninas indianas Amala e Kamala que foram criadas por uma família de lobos e acabaram morrendo alguns anos após serem resgatadas, os autores deixam claro que mesmo com uma estrutura genética e anatômica humana, sem um convívio social humano, não é possível ter a experiência de uma vida humana. Uma das meninas com cinco anos de idade morreu logo após ter sido encontrada, enquanto a outra sobreviveu por cerca de mais dez anos, tiveram suas mortes atribuídas à perda da congruência com o meio com a consequente perda da autopoiese. Os fenômenos sociais que são apresentados como resultantes de acoplamentos estruturais coletivos, constituem coordenações recíprocas numa comunicação, entendida como “desencadeamento mútuo de comportamentos coordenados entre os membros de uma unidade social” (MATURANA & VARELA, 2004, p. 214) que dará origem à linguagem.

Entendendo a conservação da autopoiese como uma condição sistêmica à vida, no qual como sistema vivo estamos constantemente nos autoproduzindo, mantemos interações com o meio no qual são desencadeadas uma série de mudanças que não são determinadas por agentes externos. Assim, ao dizermos que como sistemas vivos somos determinados por nossa estrutura, entramos no debate entre organização e estrutura. A organização, entendida como as relações entre os componentes que define a identidade de uma classe, é necessariamente invariante. Se a organização muda, muda a sua identidade e o sistema passa a ser outra coisa. Já a estrutura é definida como as relações que constituem uma unidade particular configurando a organização, e assim se refere aos componentes somados as relações em uma unidade particular (MATURANA, 2001).

A organização, ao tratar da configuração do sistema, e a estrutura como a maneira como os componentes interagem mantendo a sua organização, indicam que o que ocorre num sistema depende da estrutura naquele instante. Conhecer a organização e a estrutura num determinado instante não possibilita sabermos o que ocorrerá futuramente, considerando a operação congruente entre organismo e meio que, em deriva<sup>9</sup>, oportunizará modificações.

---

<sup>9</sup> A palavra deriva refere-se a um curso que é produzido a cada momento nas interações do sistema e suas circunstâncias.

Quaisquer mudanças resultantes do acoplamento estrutural com o meio provocadas em um ser vivo são geradas a partir das modificações deste mesmo ser vivo. Assim, o meio, ao agir como um agente perturbador, desencadeia uma história de mudanças determinadas por sua própria estrutura.

A conservação da autopoiese e a manutenção da adaptação são condições necessárias para a existência dos seres vivos; a mudança estrutural ontogenética de um ser vivo num meio será sempre uma deriva estrutural congruente deste com o meio. Essa deriva parecerá ao observador “selecionada” pelo meio ao longo da história das interações do ser vivo enquanto ele viver (MATURANA & VARELA, 2004, p.116).

Sendo assim, os seres vivos são sistemas nos quais as interações com o meio não determinam o que lhes acontece, mas apenas disparam neles mudanças estruturais determinadas pela sua própria estrutura resultante da história de interações no viver. De acordo com Kastrup (1999), em referência a Maturana e Varela, estamos em constante processo de produção em incessante engendramento de nossa própria estrutura. Para Maturana:

A cada um de nós acontece algo nas interações que diz respeito a nós mesmos, e não com o outro. E o que vocês escutam do que digo tem a ver com vocês e não comigo. Eu sou maravilhosamente irresponsável sobre o que vocês escutam, mas sou totalmente responsável sobre o que eu digo (MATURANA, 2001, p. 75).

Dizendo respeito à autoprodução, a Autopoiese refere-se à organização comum do sistema vivo unicelular no qual a célula, como uma rede de processos, produz seus componentes sendo também produzida por eles. O nosso sistema nervoso, por exemplo, funciona como uma rede operacional fechada e auto-organizada.

Para ilustrar a discussão trazemos a experiência apresentada por Maturana nos anos 50. Realizada primeiramente por Sperry na década anterior, no qual ao girar cirurgicamente os olhos de anfíbios em 180° demonstrou a recuperação da visão por estes animais, embora com uma orientação de captura à presa com um desvio igual ao do ângulo de giro dos olhos, distinguida por um observador externo.

Assim, ainda que o experimento levasse a Sperry questionar se após a secção e regeneração do nervo ótico a salamandra poderia corrigir a projeção da língua para ter sucesso na captura da presa, segundo Maturana, a experiência com a salamandra demonstrou apenas que o erro não era da salamandra, mas um comentário de um observador externo. Maturana esclarece, portanto, que a salamandra não estava “errada”, mas aquilo que ela vê são as suas correlações internas em função de uma excitação na retina associada sempre ao arremesso da língua em certa posição, concluindo que o ato de lançar a língua e capturar a presa não é um ato de apontar para um objeto externo, mas de uma correlação interna.

O funcionamento do vivo, segundo Pellanda (2003), ocorre como um circuito fechado de autoprodução no qual produtor e produto constituem-se de maneira circular. Os seres vivos ao se constituírem como sistemas autônomos e autoprodutores, funcionando sempre acoplados ao meio associado, passam por perturbações diversas que disparam mudanças estruturais congruentes que, em clausura operacional, não podem especificá-las ou dirigi-las.

O caráter de circularidade da autopoiese nos conduz ao encadeamento entre ação e experiência. O aforismo “todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer” (MATURANA & VARELA, 2004, p.31) nos leva a pensar que no domínio do linguajar, o observador não é alguém externo ao sistema, mas por outro lado, um sujeito responsável de sua ação ao operar.

Entendendo o conhecimento como uma dimensão do viver e a esta estando implicada a noção de autopoiese, temos o linguajar como condição necessária ao conhecimento que resulta da capacidade de realização de história processual coletiva. Tomando as inscrições no campo da linguagem, no fluir de coordenações consensuais de coordenações consensuais de ação, elas se associam às histórias de interação produzindo em nós e nos outros mudanças estruturais. “Nosso modo de encontro com o outro muda. E esta é a forma como o devir de nossa estrutura se faz contingente ao discurso, ao estar na linguagem” (MATURANA, 2001, p. 100).

A partir da consideração de Maturana e Varela (2004) de que conhecer = fazer = ser, pensamos a Oficina do Percuro como uma ação cognitiva no qual conhecimento, ação e invenção de si e de mundo ocorrem em um mesmo processo. A cognição, aqui entendida como resultado do modo como operamos, traz como consequências a produção de si e de mundos constituindo realidades que dependem dos sujeitos em suas redes de conversações. O

modo de viver-conhecer nas Oficinas que acontecem na Lomba do Pinheiro, por exemplo, implica uma ação efetiva de existência em um mundo que produz conhecimento e que, ao mesmo tempo, transforma o mundo vivido.

Sob este viés, ao entendermos que o mundo não é dado a priori, mas configurado na interação entre sujeitos linguajantes em seus contextos de ação, a pesquisa realizada no território da Lomba do Pinheiro foi delineada como uma ação em curso fluido. Assim, em percurso pelo campo com inscrições que o delineiam e são constituídas na experiência em momentos de interrupção contínua da ação, momentos de *breakdowns* estiveram presentes.

### **5.3 Percepção como configuração condutual do objeto**

Quando falamos em inscrições, implicitamente estamos admitindo que exista um processo que posto operar possa reconhecer marcas como inscrições. Existem diferentes modos de distinguir, de recortar um objeto de um fundo. Um desses processos é a percepção.

Ao reportarmos à percepção de inscrições é importante deixar claro que não fazemos referência a um modo de captação de traços e marcas de um mundo exterior ao observador. A percepção, segundo os autores, envolve uma produção sensório-motora que um organismo realiza ao distinguir uma figura de um fundo. Para os autores, na experiência, não é possível distinguir ilusão de percepção. Essa distinção só se faz ao cotejarmos a configuração atual com experiências anteriores.

Assumindo a compreensão da percepção de inscrições distinta da ideia que a toma como uma computação de objetos ambientais realizada pelo sistema nervoso através da informação dos órgãos sensoriais, acolhemos os pressupostos dos biólogos chilenos, e assim, reiteramos que não há realidade independente do observador inserido na linguagem.

A percepção para esses autores é antes uma ação do que a recepção passiva de informações. Maturana abandona a ideia de percepção como “per-capere” - captação de um objeto externo -, entendendo a percepção como configuração condutual consensual entre um observador e elementos do mundo ao qual este se encontra acoplado estruturalmente:

O mundo cognitivo que vivemos, através da percepção, se assemelha a isso: produzimos um mundo de distinções através de mudanças de estados que experimentamos enquanto conservamos nosso acoplamento estrutural com os diferentes meios nos quais estamos imersos ao longo de nossas vidas, e, então, usando nossas mudanças de estado como distinções recorrentes em um domínio de coordenações de coordenações de condutas consensuais (linguagem), produzimos um mundo de objetos como coordenações de ações com as quais descrevemos nossas coordenações de ações. (MATURANA, 1999, p. 103).

No fenômeno da percepção de inscrições encontramos um observador implicado. O ato de percebê-las se traduz em uma ação criativa na qual participam a história das interações anteriores, por isso dizemos que ela é sempre contingente e encarnada.

O ato de perceber configura uma inscrição dando-lhe um corpo (pois distingue de um fundo) e um sentido que decorre da partilha de um domínio de coordenações de coordenações consensuais de ação. A percepção das inscrições, ao envolverem uma ação performática na realização da Oficina, por exemplo, dá pistas de existência no mundo apresentando modos de operar modulados em uma rede de conversação específica.

#### **5.4 Conversar: o entrelaçamento entre o linguajar e o emocional**

A emergência de *breakdowns* na percepção das inscrições implica mudanças nas coordenações de coordenações consensuais de ação (linguajar) e, essas últimas, na predisposição à ação (emocionar). Assim, o desenrolar de uma cognição inventiva, capaz de colocar problemas pertinentes às contingências de vida e de significação, é modulado no conversar (no fluir entre emocionar e linguajar).

Tomando a distinção de inscrições como um modulador da rede de conversação, as inscrições são entendidas como marcas em um espaço e tempo que, produzidas nas relações e guiadas pelas emoções, apresentam um modo de pensar e um curso de um fazer.

No processo de distinção/percepção de inscrições existe a participação do emocional, entendido por Maturana (2002) como disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos.

Embora em nossa cultura seja habitual nos considerarmos seres racionais, vivemos na emoção e é através das mudanças nas emoções que mudamos de domínios de ações. “Ao viver, fluímos de um domínio de ações a outro, num contínuo emocional que se entrelaça com nosso linguajar” (MATURANA & ZÖLLER, 2004, p.9).

Quando limitamos o humano à condição racional, desprezamos o entrelaçamento entre razão e emoção como constitutivos de nosso conversar. Tal negação apresenta-se como fenômeno que advém do desejo de nos diferenciarmos dos demais animais, apresentando-se em contradição na práxis da vida cotidiana, contrassenso que é percebido quando sob determinada emoção sabemos o que podemos ou não fazer, e que aceitamos como válidos certos argumentos que não aceitaríamos sob outra emoção.

A presença fundamental do emocional em tudo o que fazemos, e que nos conecta com nossa história biológica de mamíferos e primatas, não é uma limitação de nossa humanidade mas, ao contrário, é nossa condição de possibilidade enquanto seres humanos. É nossa forma de emocionar que dá forma à maneira de viver na qual somos humanos como animais racionais linguajantes, e através do qual a humanidade surge na história dos primatas (MATURANA, 1999, p. 278).

Atribuindo ao linguajar o nosso modo de existir como seres humanos, Maturana (2001) atribui à linguagem “um modo de viver juntos num fluir de coordenação consensual de coordenações consensuais de comportamentos” (p.178), esclarecendo que tudo o que fazemos, nós fazemos na linguagem.

Ao falarmos em emoções fazemos referência aos diferentes domínios de ações e às distintas disposições corporais que realizamos no viver. Assim, tudo o que acontece conosco é definido como uma emoção que possibilita determinada ação.

Se quisermos entender as ações humanas devemos estar atentos à emoção que as possibilitam. Deste modo, ao caminharmos pelas ruas do Bairro em contato com situações

diversas, como por exemplo, a visualização do lixo que é acrescentado às ruas ou de fotografias expostas em unidades de saúde, a experiência será vivida de formas diversas dependendo da emoção na qual nos encontramos.

O encontro não define o que ocorre, mas por outro lado é a emoção que o constitui como um ato. Assim, o viver humano se dá em um contínuo entrelaçamento entre emoção e linguagem, como um fluir de coordenações consensuais de ações e emoções.

Tal entrelaçamento entre emoção e linguagem constitui o conversar. A palavra conversar que, segundo Maturana origina-se da união das raízes latinas *cum* e *versare*, diz respeito a “com” e “dar voltas juntos”, respectivamente, sendo referida pelo autor como um fluir na convivência.

## **5.5 Rumo à visão performática das inscrições**

As inscrições foram até o momento conceituadas como um modo de agir que deixa rastros no espaço, que além de um ato, envolve o curso de um fazer em um operar de coordenações de coordenações de ação e do emocionar. Cabe agora analisar o potencial performático de tais atos, ou seja, sua potência de transformação e, para tal, serão apresentados alguns conceitos da Teoria dos Atos de Fala de John Austin que possam auxiliar nessa discussão.

A teoria dos atos de fala, elaborada pelo filósofo inglês John Austin (1911-1960), parte da teoria pragmática, e situa-se dentro da chamada “virada linguística”. Entendendo a linguagem como forma de ação, e não como uma representação do real, John Austin (1990) afirma que é na própria enunciação que se realiza o ato, e principalmente de que a linguagem interfere na produção de realidades.

O termo performático deriva do verbo inglês *to perform* que, em correlação do substantivo ação, indica a realização de uma ação. Assim, de acordo com Austin (1990), dizer é fazer, logo, ao proferir algo, realizo uma ação.

Objetivando desestabilizar a visão formalista da linguagem, Austin, em uma concepção pragmática, ampliou o domínio linguístico centrado na dimensão sintática e semântica. Com um pensamento que consistiu em um verdadeiro marco divisor dos estudos linguísticos, inaugurando uma nova concepção de linguagem como diz Marcondes (2005), rompeu com a tradição de estudos linguísticos caracterizados pela concepção descritiva da linguagem.

Partindo da famosa distinção entre constativo e performativo, traz como enunciados constativos aqueles que descrevem ou relatam um estado de coisas e que, por isso, se submetem ao critério de verificabilidade, ou seja, podem ser rotulados de verdadeiros ou falsos, manifestando-se nos enunciados que descrevem, relatam ou afirmam algo. Já os enunciados performativos caracterizam-se como aqueles enunciados que realizam uma ação no momento em que são exercidos, não sendo submetidos ao critério de verificabilidade.

De acordo com Austin (1990), quando se diz frente ao juiz que “aceito”, não se está relatando um casamento, mas realizando o ato. A intervenção sobre o extralinguístico apresenta-se como uma potência da palavra. A linguagem, ao invés de descrever os fatos, passa também a construí-lo.

Para que um enunciado performativo seja bem-sucedido, para que a ação ocorra de fato, Austin diz que é necessário que as circunstâncias sejam adequadas. Assim, um enunciado em circunstâncias inadequadas não é falso, mas torna-se nulo, sem efeito. Para que um enunciado performático tenha sucesso, nominado por Austin (1990) como “condições de felicidade”, deve responder aos seguintes critérios: aquele que profere a sentença deve ter autoridade para executar o ato, e as circunstâncias em que as palavras são proferidas devem ser apropriadas.

Assim, enquanto os constativos podem ser falsos ou verdadeiros em relação aos fatos que descrevem, e um performativo não é nem falso nem verdadeiro, uma vez que não descreve um fato, mas deve ser considerado como bem ou mal sucedido dependendo das circunstâncias e consequências de realização do ato, a distinção entre constativo e performativo começa a ser percebido por Austin de forma inadequada (MARCONDES, 2005).



O constativo tem também uma dimensão performática, isto é, descrever é, também, um ato que realizamos e que pode ser bem ou mal sucedido; assim como os performativos têm uma dimensão constativa já que mentem uma relação com um fato (MARCONDES, 2005, p. 18).

Chegando a conclusão de que todos os enunciados são performativos, Austin (1990) propõe a concepção performática de linguagem, já que ao serem proferidas realizam uma ação. Concebendo o uso das palavras como uma forma de agir passa a considerar o ato de fala como uma unidade básica de significação constituída por três dimensões articuladas: o locucionário, o ilocucionário e o perlocucionário.

O ato locucionário, segundo Marcondes (2005), consiste na dimensão linguística estritamente considerada, ou seja, nas palavras e sentenças empregadas conforme as regras gramaticais de uma língua específica, dotadas de sentido e referência. O ato ilocucionário é considerado o núcleo do ato de fala, tendo como aspecto principal a força ilocucionária. O ato perlocucionário caracteriza-se pelas consequências do ato em relação aos sentimentos, pensamentos e ações, indicando ter sido realizado com o objetivo de gerar consequências (MARCONDES, 2005).

A força ilocucionária é o conceito de interesse nas análises. Como o núcleo do ato de fala, a força ilocucionária pode ser entendida como o performativo propriamente dito constituindo o tipo de ato realizado. Assim, ao proferir uma sentença realizo o ato, intervenho engendrando a realidade.

Como um dos pontos interessantes na linguagem-ato cito a consideração sobre a insuficiência na definição do signo linguístico como representação e o abandono da dicotomia entre linguagem e mundo empírico, já que segundo o filósofo, é na própria enunciação que se realiza o ato. Ao apresentar que determinadas sentenças que proferimos assumem não um caráter descritivo, mas performativo, o filósofo, corrobora em nossa aposta de que as inscrições que sustentamos não se restringem a uma visão descritiva, mas ao invés disso, a uma ação performática.

Procurando estabelecer uma relação entre a teoria dos Atos de Fala de John Austin com os pressupostos apresentados na Biologia do Conhecer, proponho como ponto de encontro a concepção performática da linguagem como questão central.

John Austin, ao apresentar a proposta de uma linguagem performática, introduz a ideia da linguagem enquanto realização em que, ao interferir sobre fatos é capaz de promover transformações. Assim, utilizando o próprio exemplo de Austin (1990) no qual o juiz declara o réu como culpado, temos a ação da palavra sobre a realidade no estabelecimento de uma nova condição. Já, se para Maturana, é na linguagem que o mundo se estabelece, como coordenações de coordenações de ações, esclarece que o simples fato de descrever algo – na operação de distinção - implica em uma ação e não somente representação.

Para Austin, ao proferirmos uma sentença, realizamos uma ação (dizer algo é fazer algo) e intervimos na realidade. Maturana, ao dizer que o mundo que conhecemos se dá na linguagem (coordenações de coordenações de ações), permitindo estabelecer aproximações que convergem na ideia de performatividade. Ambos apostam na ação sobre a realidade, embora a ação performática seja bem mais ampliada para o autor chileno.

O interesse de pensar na inscrição dentro de uma concepção performática sugere outro modo de pensar a linguagem distinta da ideia de uma mera descrição dos fatos. A problematização das inscrições performáticas com a Biologia do Conhecer torna-se profícua na medida em que esta, ao dizer que tudo o que fazemos/conhecemos se dá na linguagem, possibilita radicalizar a posição de Austin, apontando o potencial performativo da linguagem e por decorrência, das inscrições.

## 6 MÉTODO

Neste capítulo apresentamos o modo como a pesquisa foi sendo delineada, as distinções que foram realizadas em um percurso que, em deriva estrutural, guiaram as ações nos encontros da Oficina. A pesquisa tem como foco a potência performática das inscrições em um grupo de jovens no território da Lomba do Pinheiro. A pergunta que moveu a pesquisa diz respeito ao modo como a produção de inscrições modulam o conversar e a experiência de si e de mundo de jovens do local. A concepção epistemológica que norteia este trabalho versa sobre um modo de pesquisar que se distancia de uma verdade dada *a priori* e de uma suposta separação entre sujeito e objeto. Seguindo o curso de uma objetividade entre parênteses, compreende-se as inscrições como sendo constituídas a partir das operações de distinção que realizamos enquanto observadores implicados.

Em um modo de pesquisar que se distancia da busca de uma verdade universal e independente da operação realizada pelo observador, pesquisamos sob o viés de um modo de conhecer que é constituído na práxis do viver no linguajar e no emocionar. Assim, no domínio das ontologias constitutivas, partimos da consideração de que existem muitas verdades diferentes em domínios distintos, e aceitas por uma comunidade de observadores que compartilham semelhantes critérios de validade.

Para tal indagação, tomamos as inscrições como um linguajar performático, que deixa marcas no espaço, ou seja, que ocorre nas coordenações recursivas de comportamento dizendo respeito a realização de uma ação, que guiadas pelas emoções, especificam o domínio relacional que operamos a cada instante. Propomos que ao colocarmos essas inscrições no percurso e na rede de conversação constituir-se-á um dispositivo no qual breakdowns são experimentados, o que põe em exercício um tipo de cognição inventiva, produtora de saúde.

Num caminho que admite múltiplas realidades, enquanto proposição explicativa,

Maturana (2001) auxilia-nos ao dizer que “há tantas realidades – todas diferentes, mas igualmente legítimas – quantos domínios de coerências operacionais explicativas, quantos modos de reformular a experiência, quantos domínios cognitivos pudermos trazer à mão”(p.38).

No domínio da ontologia constitutiva assumimos uma responsabilização de nossas ações e assim entendemos que qualquer intervenção que realizamos acarretará implicações no campo.

Vivermos no mundo implica fazer parte dele com os outros seres vivos compartilhando o espaço vital, numa indissociabilidade entre o conhecer e a invenção de mundos em que vivemos (MATURANA & VARELA, 2004). Conversando com as ideias apresentadas pelos autores chilenos, assumimos a concepção que entende o conhecimento como sendo adquirido na convivência, em uma apreciação de um observador sobre a conduta do outro ou dele mesmo.

O método utilizado centrou-se no pressuposto da pesquisa-intervenção. Como uma forma que, segundo Aguiar e Rocha (2007), rompe com a concepção de neutralidade na ação do pesquisar, delineamento este que favoreceu a construção de espaços de problematização coletiva.

A pesquisa-intervenção desfaz o distanciamento entre pesquisador e objeto de pesquisa. Envolve uma postura inventiva e implicada que demanda ao pesquisador uma análise dos lugares ocupados, ou que pretende ocupar num movimento de inversão à consideração de conhecer para intervir valorizando a ação de intervir para conhecer.

A sustentação de uma necessária interferência na relação sujeito/objeto é condição indispensável ao conhecimento: sujeito e conhecimento se produzem em meio a práticas sócio-históricas (AGUIAR & ROCHA, 2003; 2007). Critica-se, sob este pressuposto metodológico, o estatuto de verdade. Pesquisar, de acordo com Maraschin (2004), envolve a criação de sujeitos, objetos, conhecimentos, territórios de mundo.

A pesquisa-intervenção interessada pelos movimentos e processos é marcada pela análise de implicação. Sujeito e objeto se constituem no mesmo momento e processo. “Não há mais aqui sujeito e objeto, mas processos de subjetivação e de objetivação, criação de campos que ao mesmo tempo criam sujeitos/objetos, que se revezam, como teorias e práticas”

(BARROS, 2007, p. 311). A análise de implicação que se apresenta na pesquisa-intervenção abre as barreiras entre sujeito que conhece e objeto promovendo mudanças da proposição conhecer para transformar para transformar para conhecer (AGUIAR & ROCHA, 2007).

A partir de conceitos teóricos da Biologia do Conhecer, Maraschin (2004) sob o viés da pesquisa-intervenção, expõe importantes diferenças neste modo de pesquisar. Assim, quando a pergunta desprivilegia o “porquê” valorizando o “como”, opera-se com o abandono da ideia de causa linear, assumindo-se um mecanismo gerativo que possibilita a compreensão múltipla e heterogênea dos campos pesquisados.

Produção de conhecimento envolve produção de vida, de aberturas, multiplicidades no domínio de coordenações de ações na interação entre pesquisador e objeto. A constituição de um domínio explicativo pelo observador envolve uma realidade que ocorre a partir da experiência de comunidade compartilhando determinado domínio, território.

## 6.1 Sobre o Percorso e as TIC

A realização da Oficina do Percorso como estratégia metodológica foi influenciado pelo método do Percorso Comentado apresentado por Thibaud e Saraiva et al (1998). Ocorrendo por meio da narração das percepções de transientes em um trajeto do cotidiano previamente acordado, é um método de pesquisa frequentemente utilizado no campo da arquitetura e urbanismo contribuindo ao estudo da *ambiance*<sup>10</sup>.

Com a utilização do recurso fotográfico durante a realização do Percorso, o método desenvolvido por Thibaud e Saraiva et al (1998) passou, na realização da pesquisa-intervenção, por várias modificações. Originalmente, realizada pelos pesquisadores mediante o convite a passantes, utilizadores regulares do lugar ou não, realizando um caminho em zonas urbanas descrevendo de forma tão precisa quanto possível o que eles percebem e sentem de acordo com a rota em uma experiência compartilhada, evidenciam a diversidade

---

<sup>10</sup> A *ambiance* envolve o “clima”, a “atmosfera” do ambiente envolvendo diversos registros de análise. Complexa compreende modalidades sensoriais. Para a *ambiance*, uma análise limitada ao físico torna-se insuficiente, concebendo-se no jogo recíproco entre os recursos do ambiente construído e usuários.

perceptiva em um mesmo local expondo uma travessia poliglota exprimindo a dinâmica do movimento sob diferentes percepções.

Segundo Thibaud e Saraiva (1998), o Percurso Comentado, ao esclarecer as condições de surgimento de fenômenos percebidos através de observações, propõe a narração da percepção sobre um determinado trajeto. A escolha pelo método, embora apresentando significativas modificações no desenvolvimento no percurso realizado na Lomba do Pinheiro, apresentou-se como um modo interessante para flagrar as operações de distinções e os *breakdowns* de distintos observadores que em grupo conversavam com as inscrições que encontravam pelo caminho.

No Percurso realizado na Oficina pelas ruas da Lomba do Pinheiro, foram propostas algumas alterações em relação ao Percurso Comentado. Os participantes eram jovens da área de cobertura do PSF, portanto não passantes aleatórios. O percurso foi feito em grupo, além disso, incluímos máquinas fotográficas digitais no desenvolvimento do trajeto.

A inclusão de tal artefato como uma ferramenta metodológica decorreu do fato de que a ação de fotografar pode ser compreendida como produção de inscrições, estando acoplada a um objeto técnico que contém em si alguns parâmetros que se ajustam no próprio artefato, ou seja, em uma máquina digital automática existe, por exemplo, a correção do foco. As ações embutidas nos aparatos técnicos fazem com que possam existir espaços inusitados entre a ação do observador e o resultado da ação quando essa última é feita em acoplamento ao objeto técnico. Pensamos que as condições do acoplamento podem dar lugar a *breakdowns*.

A fotografia no percurso foi pensada como uma estratégia metodológica a fim de registrar e constituir outras inscrições fotográficas no campo. Buscando não o “real”, mas as produções de realidades, através da proposição de que os participantes fotografassem cenas que pudesse mostrar o modo como vivem e convivem no território, tínhamos as fotografias como inscrições.

A fotografia como inscrição envolve a concepção triádica<sup>11</sup> do ícone, índice e símbolo (PIERCE, 2000). Co-engendrados na experiência fotográfica, foram experienciados nas

---

<sup>11</sup> De acordo Dubois (1998) citando as ideias de Pierce, o ícone centra-se na característica física do objeto. Transmite ideias das coisas que representam, é o espelho do real, isto é, a reprodução mimética do real. “É um signo que se refere ao objeto que denota apenas em virtude de seus caracteres próprios, caracteres que ele igualmente possui quer um tal objeto realmente exista ou não” (PIERCE, 2000, p.52). Já o símbolo envolve as convenções sociais. O símbolo “é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei,

produções da Oficina. Na afirmação de que não é possível pensar a fotografia fora do ato que a constituiu, Dubois (1998) indica os múltiplos sentidos que a fotografia pode apresentar dependendo do contexto, ou segundo as concepções de Maturana e Varela (2004), do conversar, em que é produzida.

O interesse pela utilização da máquina fotográfica nas Oficinas ocorreu em função do potencial icônico que a fotografia oferece somado ao potencial performático implicado. O signo icônico, ao manter uma relação com o referente por semelhança, na identificação imediata ao objeto, apresentava como aposta o questionamento sobre a própria realidade, já que ao se constituir acaba constituindo o próprio objeto.

Além de sua característica de registro, o percurso fotográfico envolvia a produção de distinções pelo observador em um processo de construção de sentido implicado ao linguajar e ao emocionar. Em sua característica pragmática, a relação entre o percurso e a fotografia encontra-se imbricada.

O uso do recurso fotográfico nas Oficinas partiu do interesse por cenas na cidade, ou melhor, pelo registro de cenas que exibiam modos de vida no território da Lomba do Pinheiro. Através da experiência de um percurso na comunidade, no qual foram oferecidas aos integrantes da Oficina máquinas fotográficas digitais para que pudessem realizar produções/inscrições fotográficas que apresentassem o modo como vivem/convivem naquele local, o uso de tal tecnologia, além de suscitar o exercício do olhar (que definimos como a produção de distinções) operava como um dispositivo ao conversar.

O desenvolvimento da Oficina do Percurso foi pensado como uma possibilidade de compartilhamento. O uso das TIC na Oficina do Percurso tinha como objetivo a promoção de reconfigurações das inscrições experienciadas que, ao serem questionadas, problematizadas, poderiam ser atualizadas.

---

normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo àquele objeto" (PEIRCE, 2000, p. 52). O índice diz respeito a uma relação e contiguidade com o referente, apresentando algo sobre as coisas por estar fisicamente ligadas a elas (DUBOIS, 1998). O índice "é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse objeto" (PEIRCE, 2000, p. 52). Em uma relação de contiguidade com o referente mostra algo sobre as coisas por estar fisicamente ligadas a elas.

Se é verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades (por exemplo, por um local por onde é permitido circular) e proibições (por exemplo, por um muro que impede prosseguir), o caminhante atualiza algumas delas. Deste modo, ele tanto as faz ser como aparecer. Mas também as desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais. (DE CERTEAU, 1996, p. 177-178).

Se, como afirma Michel de Certeau (1996), o ato de caminhar acarreta enunciações e modulações dos espaços, nossa expectativa é que caminhar em grupo pelo Bairro da Lomba do Pinheiro mobiliza, atualiza a rede de conversação. Além disso, o uso de máquinas fotográficas digitais, como modo de produzir inscrições, possibilita a emergência de *breakdowns* nessas mesmas redes.

No domínio das ontologias constitutivas, sob o viés de um observador implicado e de que algo externo não determina o que acontece, mas por outro lado, apenas perturba mobilizando sujeitos as suas próprias construções a partir de ações em qualquer domínio operacional, na experiência da Oficina em fotografar cenas a fim de que os participantes apresentassem o bairro onde viviam, a aposta era a reconfiguração da experiência visando mudanças estruturais a partir das modulações provocadas pelas coordenações de ações e pelos *breakdowns*.

## 6.2 Sobre a Oficina

A estratégia metodológica de realização da Oficina do Percurso com a utilização das TIC busca a produção de um em comum que emerge nas redes de conversação. A concepção de comum que afirmo neste trabalho é de um em comum político. Apresentado por François Jullien (2009) o comum envolve a ideia de pertencimento. Na separação da palavra, o comum apresenta a noção de compartilhamento (não como um = identidade; mas um em comum).

A Oficina ocorreu durante nove encontros com duração aproximada de duas horas semanais. A forma escolhida de divulgação da Oficina foi o convite dos trabalhadores aos usuários do serviço através das visitas domiciliares ou no contato direto à Unidade. Embora a



participação fosse espontânea e aberta a todos que desejavam integrar, face ao elevado número de interessados, em reunião de equipe junto à pesquisadora, optou-se pela integração daqueles em maior risco social (drogadição, prostituição e gravidez na adolescência), segundo considerações da Equipe.

Tendo sido a Oficina atravessada pela preocupação da Equipe de saúde em relação à condição de risco social dos jovens, na sua realização desprivilegiou-se a consideração de risco enquanto a produção de sintomatologias provenientes de condições vulneráveis. Assim, por outro lado, entendendo que arriscar-se é situação intrínseca ao viver, no encontro com o outro, arriscar-se fazia parte da prática inventiva proveniente de novos conversares.

Quanto à participação dos trabalhadores na Oficina, a inserção ocorreu já no primeiro encontro da pesquisadora com a Equipe, quando esta, ao apresentar a proposta, logo recebeu inúmeras manifestações de trabalhadores interessados. Contudo, face ao número viável à constituição da Oficina, prevista em torno de oito componentes, optou-se pela inserção de apenas duas trabalhadoras respeitando a maior disponibilidade e interesse. Com o número reduzido de trabalhadores se comparado aos usuários do serviço, o maior número de usuários se manteve em decorrência da preocupação da Equipe em disponibilizar novas formas de atenção à saúde dos adolescentes, convergindo no interesse por uma maior aproximação destes com o PSF.

Iniciada com a integração de 6 (seis) adolescentes com faixa etária entre 12 e 15 anos e duas trabalhadoras do PSF (uma agente comunitária de saúde e uma técnica de enfermagem), a Oficina contou ainda, além da pesquisadora, com a participação de uma estudante de Psicologia. Em encontros semanais da Oficina constituídos com a frequente participação de todos os componentes, exceto um dos seis adolescentes que, ao buscar na Oficina a aprendizagem por novas técnicas fotográficas, acabou optando pela sua saída face a divergente proposta apresentada, consolidou-se com a permanência de 9 componentes.

A Programação da Oficina do Percurso, inicialmente idealizada em cinco encontros semanais, consolidou-se por mais quatro encontros, brevemente descritos abaixo:

Primeiro encontro (22/06/2010) – Este encontro realizou-se na Associação dos Moradores da Vila Viçosa. Com proposta de apresentação da Oficina e dos componentes

entre si, iniciou a discussão sobre a produção fotográfica no qual estiveram presentes todos os integrantes que compuseram a Oficina.

Segundo encontro (29/06/2010) – Em trabalho de sensibilização de imagens, disponibilizaram-se revistas e livros oportunizando a experimentação das imagens e das máquinas fotográficas digitais. Foram realizadas inúmeras fotografias que simbolizam ícones de beleza. Este encontro ocorreu com ausência de uma integrante da Oficina.

Terceiro encontro (06/07/2010) – Realizado com a ausência de uma das trabalhadoras do PSF, na Oficina foi realizado um mapa que, sugerido pelos adolescentes, apresentou como proposta a escolha pelas áreas a serem percorridas.

Quarto encontro (13/07/2010) – Realizamos o Percorso fotográfico com a presença de todos integrantes da Oficina pela parte baixa do Bairro, assim considerada pela sua localização geográfica. Em área com condições econômicas favoráveis foram realizadas inúmeras fotografias/inscrições produzindo uma discussão sobre as desigualdades sociais que convivem.

Quinto encontro (20/07/2010) – Como no encontro anterior o grupo estava completo. Percorremos a área alta de abrangência do PSF Vila Viçosa. Apresentando escassez de recursos financeiros e precárias condições de vida - como esgoto a céu aberto, lixo em via pública e falta de calçamento adequado - constituíamos um percurso com inscrições que apresentavam, em meio de vida precário, uma configuração urbana e rural.

Sexto encontro (27/07/2010) – Continuamos o percurso com todos os participantes pela área alta do Bairro. Em meio a diversas produções emergiu na Oficina a ideia de produção de um vídeo. Interessados em contar como desenvolviam a Oficina e as mudanças provocadas aos participantes, prosseguimos na caminhada realizando fotografias impulsionados por um conversar que, político, apresentava os modos de viver naquele território.

Sétimo encontro (03/08/2010) – Início da constituição videográfica. Reunidos no laboratório de informática da Escola Estadual Professora Thereza de Noronha Carvalho coordenávamos ações tendo como foco a possibilidade de conversar em outras redes. Para a sua produção, neste encontro foram iniciadas as construções de máscaras com materiais disponibilizados pela Escola. Optou-se pelo *Windows Movie Maker* como programa de edição

utilizado. Neste encontro a Oficina ocorreu com a ausência de duas participantes, a estudante de psicologia e a agente comunitária de saúde.

Oitavo encontro (10/08/2010) – Em encontro de maior duração e no qual todos os participantes estiveram presentes, continuamos na elaboração do vídeo. Neste encontro foram escolhidas músicas e fotografias bem como foram realizadas as gravações com os depoimentos dos participantes. Iniciou-se o processo de Edição.

Nono encontro (17/08/2010) – Finalização do vídeo “Pelo Curso do Bairro - comunidade em zoom”. Com a presença de todos participantes foram discutidas as produções desenvolvidas com a idealização de seu prosseguimento como ação efetiva ao PSF.

## **7 SOBRE O PSF VILA VIÇOSA E OS PRIMEIROS PASSOS NO CAMPO**

O PSF Vila Viçosa está localizado na Lomba do Pinheiro, no entorno de suas 36 vilas totalizando cerca de 63 mil habitantes. Subdividido em quatro micro-áreas, a assistência compreende 240 famílias na microrregião 1; 247 famílias na microrregião 2; 232 famílias na microrregião 3 e 202 famílias na microrregião 4. Envolvendo as Vilas Viçosa, Stelamar, Nova Serra Verde, Parque dos Pinheiros, 1º de Maio, Nova Primavera, seu território compreende 3.672 pessoas, totalizando 921 famílias (FREIRE, 2000).

Localizado na região leste de Porto Alegre, é composto por enfermeira, cirurgiã-dentista, médico, duas técnicas de enfermagem, técnica em saúde bucal, auxiliar de saúde bucal, quatro agentes comunitárias de saúde e quatro residentes (enfermeira, nutricionista, psicóloga). Sua rotina envolve o acolhimento, atendimento em pediatria, ginecologia e clínica médica. Realiza a vacinação, oferecendo também o acesso a medicamentos, teste do pezinho, nebulizações, a coleta de CP (preventivo de câncer) e curativos.

As visitas domiciliares e os grupos de educação em saúde integram as ações consideradas indispensáveis pelos trabalhadores do PSF. Além disso, os Programas Nascer, Pré-crescer, Esperança, Pré-natal, Pré-nenê, Cuidando da Mãe e do Bebê e Hiperdia (acompanhamento de hipertensos e diabéticos), somam-se ao trabalho.

O espaço físico no qual o PSF ocupa, entre os anos de 1982 até 1988, consistia em unidade de saúde do Estado. Fechada por falta de verba e pessoal entre 1988 até 1996, teve seus usuários direcionados para outras UBS's, entre elas a Panorama, Mapa e Esmeralda.

O PSF foi lançado pelo Ministério da Saúde em 1994 consolidando-se com ações de promoção, proteção e recuperação da saúde dos indivíduos, das famílias, do recém-nascido ao

idoso, sadios ou doentes, de forma integral, contínua e de qualidade, estimulando a organização da comunidade e efetiva participação popular. Trata-se de uma Estratégia de reorientação do modelo de assistência que opera através da implantação de equipes multiprofissionais em unidades básicas de saúde, no qual cabe às Equipes a responsabilização pelo acompanhamento de um número definido de famílias e área geográfica específica.

No município de Porto Alegre, os Programas de Saúde da Família começaram a ser implantados a partir de 1996, tendo sido o PSF Vila Viçosa inaugurado no mês de fevereiro do mesmo ano. Apresentando desde seu início amplo envolvimento com a comunidade, os primeiros passos para a consolidação do Programa no território ocorreram face ao interesse de seus usuários, cabendo à Associação dos Moradores do Bairro a assinatura da carteira de trabalho dos trabalhadores do PSF.

A proposta da Oficina do Percuro com os usuários e trabalhadores do PSF Vila Viçosa surgiu do interesse pela expansão das ações do Projeto Oficinando em Rede. Realizada na Lomba do Pinheiro, na localidade da Parada treze<sup>12</sup>, a construção pelo campo como espaço de pesquisa-intervenção ocorreu de forma cautelosa. A busca por um campo afim à proposta manteve-se ao longo de todo processo, situação que corroborou na postergação de entrada ao campo pela pesquisadora.

O desenvolvimento da pesquisa-intervenção mediante a Oficina do Percuro na área de abrangência do PSF Vila Viçosa ocorreu após inúmeros encontros com a Equipe de Matriciamento do Centro de Saúde Escola Murialdo. Como uma unidade de saúde interligada à Gerência Distrital da Saúde VI, território no qual residem os jovens atendidos no ambulatório do CIAPS, a aposta pelo trabalho na Unidade concretizou-se após reuniões com integrantes da Equipe de Matriciamento e com integrantes do PSF.

A realização da pesquisa e da intervenção com a constituição da Oficina do Percuro pelas ruas da área de abrangência do PSF Vila Viçosa se manteve atenta à análise da demanda. Por tratar-se de um campo aberto à proposta de desenvolvimento de uma Oficina com recursos das TIC à comunidade, embora apresentando práticas de Oficina ainda escassas em seu fazer cotidiano, a Oficina do Percuro consolidou-se como ação de interesse também pelos usuários e trabalhadores do serviço.

---

<sup>12</sup> O número das paradas de ônibus constitui um modo como os moradores, trabalhadores, visitantes utilizam para a sua localização. Constitui uma rede de conversação específica que faz sentido quando da inserção àquele domínio.

Na reunião em que foi apresentada a proposta aos trabalhadores do PSF Vila Viçosa, estavam presentes a enfermeira coordenadora da Unidade, um médico de saúde da família, agentes comunitárias de saúde, técnicas de enfermagem e uma dentista, além de uma das coordenadoras da equipe de matriciamento daquele distrito. Surpreendida pela mútua aceitação quando da exibição da proposta, chamou atenção o interesse que manifestaram em participar da Oficina.

Naquela ocasião, acolhida pela Equipe e convidada a permanecer na segunda parte da reunião, participei da discussão de casos clínicos, experiência que contribuiu à visualização sobre o modo de trabalhar da equipe. Apresentando depoimentos engajados à valorização integral do ser humano, a preocupação com as condições envolvendo moradia, rede social, condições financeiras e outros, evidenciava a superação da visão tradicional e hegemônica de saúde por práticas integradoras.

Em encontro que ocorreu no mês de maio, o desenvolvimento da Oficina do Percurso foi iniciado em junho de 2010. Com a proposta de realização de caminhadas pelas Vilas que compõe o território de abrangência do PSF Vila Viçosa, com o uso das TIC (máquina fotográfica digital e, mais tarde, a filmadora de vídeo) o uso das tecnologias fomentou o conversar em ações performáticas guiadas pela emoção.

No próximo capítulo apresentamos o percurso e análise da Oficina. Seguindo uma trajetória não linear, assim como a experiência no campo, optamos pela operacionalização de subcapítulos de forma diversificada. Assim, face à importância de algumas questões que foram problematizadas, realizamos esta conversa ora mediante tópicos ora através de uma descrição mais detalhada.

## 8 ENCONTROS DA OFICINA

A primeira Oficina, conforme apresentado anteriormente, ocorreu na Associação dos Moradores do Bairro com a proposta de sua apresentação aos participantes. A escolha pelo local ocorreu pela ausência de sala para reunião de grupos no PSF somada ao interesse de contatar outros espaços da comunidade.

Neste encontro, além de esclarecer a relação da Oficina com a Pesquisa, no qual foram disponibilizados o termo de consentimento livre e esclarecido aos integrantes que concordaram em participar da pesquisa com a necessária aceitação de seus responsáveis, realizamos uma longa conversa sobre o interesse que os levou à Oficina.

Demonstrando interesses diversos, o uso de máquinas fotográficas digitais na caminhada pelo Bairro, apresentava-se como um grande incentivador. Coube assim esclarecer que a proposta da Oficina não envolvia o ensino de técnicas fotográficas, mas a utilizaríamos para auxiliar na apresentação sobre como vivem no Bairro.

Apresentando a proposta da Oficina no qual seriam realizados percursos pela área de abrangência do PSF com a utilização de máquinas fotográficas, realizamos uma sensibilização de imagens. Para isso, foram disponibilizados além de máquinas fotográficas digitais, revistas e livros numa intervenção que repercutiu em vários questionamentos fotográficos. O equipamento foi experienciado de diversas formas: ligando/desligando a máquina, fotografando os participantes e as paisagens do local, fotografar ícones nas revistas foram as práticas mais utilizadas. As imagens de carros, motos e de pessoas famosas das revistas eram as que mais interessavam ao grupo.





Conforme fotografávamos as imagens das revistas surgiam vários comentários que implicavam a veracidade da fotografia. - Parece de verdade não é? Raquel pode imprimir pra mim? Quero colocar a foto da minha namorada (risos) na porta do meu roupeiro. Vou mostrar pra todo mundo. Tenho certeza que vão morrer de inveja, dizia um dos meninos. [...] entre as imagens fotografadas os ícones de beleza eram as que mais apareciam [...]. De quem eram as fotos rendeu uma ampla discussão no grupo. (Diário de campo, 29/06/2010).

Fotografando imagens já fotografadas e expostas em revistas, as produções soavam, como anuncia Susan Sontag (2004), uma aquisição. “A fotografia é, de várias maneiras, uma aquisição. Em sua forma mais simples, temos numa foto uma posse vicária de uma pessoa ou de coisa querida, uma posse que dá as fotos um pouco do caráter próprio dos objetos únicos” (SONTAG, 2004, p. 172).

Percebendo um certo cuidado dos participantes para que suas fotografias não parecessem imagens de revistas, tentando suprimir qualquer relação com elas, as imagens eram tomadas como sendo suas. Tínhamos aí uma questão interessante apresentada por uma das meninas: de quem eram aquelas imagens? Embora tais questionamentos surgiram no grupo não hesitavam em responderem que eram suas, afinal, segundo um dos participantes, tratava-se da sua fotografia de uma fotografia na revista.

Como um ato performático, a ação de fotografar inscrições fotografadas emergiu na



sua reconfiguração que, naquele momento materializou-se em outra superfície. Sendo a explicação descrita por Maturana (2001) como uma reformulação da experiência aceita pelo observador, a explicação que validava a consideração de posse foi acolhida na Oficina a partir das coerências operacionais que a constituíram.

As operações de fotografar as inscrições fotografadas surpreendeu a pesquisadora, não imaginando que coordenariam suas ações deste modo quando da proposta de manuseio das revistas. Experienciava na Oficina um processo de atualização e invenção das inscrições e de si constituindo e sendo constituída na própria experiência.

Em um fazer que repercutiu no questionamento de um dos participantes sobre de quem seriam as inscrições reconfiguradas no visor da máquina, e posteriormente explicadas como sendo dos fotógrafos-observadores da Oficina, a operação com a tecnologia resultou em uma cognição inventiva de imprevisibilidade e de novos modos de operar com as inscrições. Produzidas a partir de inscrições da revista, em uma coordenação de ações não habitual em nossas produções fotográficas, a experiência possibilitou à pesquisadora e aos demais integrantes a invenção de realidades que se constituíam naquele conversar.

Além das operações com as inscrições apresentadas na revista, posteriormente reconfiguradas na Oficina, com o objetivo de uma fotografia mais “real” - segundo fala de um dos integrantes, as revistas foram levadas a lugares mais iluminados e a distâncias previamente estudadas visando à construção da imagem desejada. As articulações que faziam com suas fotos evidenciavam a importância atribuída ao conhecimento do sistema fotográfico procurando, por vezes, subverter as próprias regras do equipamento. Assim, se o aparelho no modo automático disparava o flash, desligavam tal recurso tentando mostrar que poderiam manipulá-lo da forma como desejassem, tentando operar de maneira ativa contra a submissão às regras de iluminação.

Contrariando as proposições de Flusser (2009), que argumenta que agimos como funcionários do aparelho, o manuseio da máquina fotográfica pelos jovens da Oficina tendia a um movimento de invenção. Assim, se de acordo com o autor a operação com a máquina fotográfica geralmente envolve ações articuladas ao desconhecimento de suas funções, resultando em ações restritas que impedem desvendá-la, as experimentações com a máquina fotográfica sempre estiveram presentes entre os participantes da Oficina.

Vilén Flusser (2009), ao definir o aparelho fotográfico como uma caixa preta, um sistema complexo jamais totalmente penetrado, anuncia que este serve ao jogo do fotógrafo em função do desafio que apresenta. Segundo Flusser (2009), embora saibamos como manipulá-lo e como fazer para que o dispositivo cuspa fotografias, não temos liberdade em relação aos aparelhos, já que na construção de cenas que elegemos estamos sempre na dependência das categorias disponíveis no sistema. Como funcionários do aparelho, como homens que se submetem as regras, lidamos apenas com o *input* e o *output* das caixas pretas.

Assim, para produzir novas categorias, não previstas no aparelho, Flusser (2009) afirma sobre a importância de intervenções no plano da própria engenharia do dispositivo, reescrevendo programas e penetrando no interior da caixa preta. Deste modo, embora os integrantes da Oficina não tenham conseguido desvendar a caixa preta, as manipulações na busca por um local mais iluminado evitando o uso do flash, por exemplo, pode ser considerado um exercício interessante na busca de ações mais criativas e menos homogêneas. Segundo Flusser (2009), o fotógrafo não deve deixar de sentir a máquina em suas mãos e de manipulá-la em seu favor a fim de se distanciar da condição de funcionários do sistema.

A maioria dos participantes da Oficina já revelava alguma prática anterior com as máquinas fotográficas digitais, entretanto, a busca por novas descobertas despertava o interesse de todos. As trocas de experiências eram constantes. Como numa caminhada onde se descobre novos caminhos e novos conversares, o manuseio com a máquina fotográfica permitia novos usos. Explorando a possibilidade pelas fotografias em preto e branco, coloridas, com o uso do zoom e do flash, realizavam manuseios inusitados.

A possibilidade de um acoplamento com objetos técnicos, que concretizam em si outras ações, abre um novo campo de experiências. Não se trata somente de um acoplamento sensorio-motor, como comentávamos acima, mas uma certa conversa com o objeto técnico: uma coordenação de coordenações de ações.

O recurso “smile” de uma das máquinas oferecidas, por exemplo, despertou o interesse de vários adolescentes. Ao registrar cenas quando do sorriso de alguém, sem a necessidade da operação de apertar o botão que dá acesso ao registro, indagavam diversas vezes sobre como poderia a máquina saber se estavam ou não sorrindo. Assim, posicionados em frente à máquina, sorriam e ficam sérios diversas vezes experienciando tal recurso.

O fato de um aparato técnico conter coordenações de ações que seriam humanas, como o reconhecimento de um sorriso, trouxe à conversa a problematização. Curiosos e interessados em saber como a máquina poderia “ver” (fala de alguns dos integrantes) a expressão facial dos integrantes provocou uma discussão sobre as possibilidades e limitações da máquina. Nas indagações “Como ela sabe que estamos rindo?” ou “Ela vê de verdade?” gerou momentos de *breakdowns* quanto ao modo como nos relacionamos à máquina.

A afirmação de um dos integrantes dizendo: “Não sabia que existia uma máquina que sabe quando estamos rindo, é uma câmera inteligente, tipo um computador” - suscitou à pesquisadora questionamentos sobre o modo como percebiam as máquinas. Se anteriormente atribuíam a “inteligência” aos computadores, ao experiencarem o dispositivo *smile* contido na máquina, uma nova forma de concebê-la emergiu aos integrantes da Oficina. Ao serem indagados sobre o que são máquinas inteligentes, posições diversas apareceram: “É quando a gente não precisa fazer nada, ela faz tudo sozinha”; “Inteligente é inteligente, rápido entende o que é pra fazer”; “Já vem com as instruções de uso, é só seguir que dá certo”; “É quando entende o que queremos”, exibindo um posicionamento que oscilava entre o endeusamento e a sua submissão ao homem.

A relação entre homens e máquinas tem sido experienciada em nossa cultura de forma dicotômica. De acordo com Simondon (2001), comportando duas atitudes contraditórias, os objetos técnicos são considerados pelo homem como conjuntos de matéria de caráter utilitário desprovidos de significação ou, por outro lado, em uma concepção sagrada, de idolatria às máquinas levando a considerá-los como robôs animados de intenções hostis ao homem representando um permanente perigo de agressão.

O temor de que a técnica se torne autônoma escapando ao controle humano conduz a um movimento de constituição de um sistema de defesa contra as técnicas acarretando uma dificuldade na compreensão de que o objeto técnico constitui a dimensão humana. Ausentes da compreensão do funcionamento do objeto técnico, a cultura do homem, segundo Simondon (2001), corrobora a separação entre ambos obscurecendo a ideia de que o objeto técnico é um prolongamento das ações do homem.

Em uma cultura que, como afirma Simondon (2001), ignora a realidade técnica como uma realidade humana, o autor defende a ideia de que homens e máquinas constituem um conjunto. Assim, como diz o autor “o conjunto de máquinas abertas supõe o homem como

organizador permanente, como intérprete vivo das máquinas umas em relação às outras. Longe de estar sujeitoado como escravo, o homem é o organizador permanente de uma sociedade de objetos técnicos que tem necessidade dele como os músicos tem de um chefe da orquestra”(p.11). Assim, segundo ele, em uma sociedade envolta por objetos técnicos o homem precisa abandonar o objetivo de controle das tecnologias assim como a submissão às máquinas.

Chegando ao término da primeira Oficina, por sugestão de um dos meninos em consenso com todos os participantes, ao próximo encontro acordou-se sobre a realização de um mapa. Tal proposta partia do questionamento à pesquisadora sobre qual trajeto percorreriam, demonstrando um interesse pela definição do caminho.

### **8.1 A Oficina de construção do mapa**

O segundo encontro da Oficina, desenvolvido com a construção coletiva de um mapa, seguiu o interesse pela delimitação do caminho a ser percorrido. Composta por todos os integrantes presentes na semana anterior iniciou-se com muita ansiedade dos adolescentes devido ao atraso da técnica em enfermagem que havia se responsabilizado em disponibilizar o material para a realização do mapa.

O mapa produzido a partir de traços que davam ao papel a apresentação de experiências anteriores, de cenas e paisagens distinguidas por diferentes observadores na linguagem, foi realizado de forma a conter os caminhos que compunham a área de abrangência do PSF Vila Viçosa. Constantemente redesenhado a cada nova intervenção por um dos componentes, apresentava-se como uma construção em constante atualização.

Realizado a partir de um domínio de ação operado nas redes de conversações específicas - integrantes de uma Oficina tecnológica por caminhos móveis na Lomba do Pinheiro -, o mapa consolidava-se mediante várias alterações. Seguindo um caminho que se iniciava na Associação de Moradores do Bairro, envolvia questionamentos sobre a veracidade de seus trajetos.

Na produção do mapa, a inclusão de cada traço passava pelo consenso dos participantes e nele permanecia apenas se em concordância de todos. Assim, embora o tracejado de alguns caminhos não fosse questionado, a maior parte do trajeto manteve-se somente após ampla discussão.

O questionamento sobre se a posição de certa rua estava bem colocada oportunizava repensarem sobre as suas próprias experiências no campo, constituindo um conversar atravessado pelas emoções que direcionavam o modo como o constituíam. As ruas, avenidas, travessas, becos e, por vezes a inclusão de alguns pontos específicos, como a casa de algum morador, a Associação dos Moradores, a escola, o PSF, exprimiam determinado domínio de existência.

No território da Lomba do Pinheiro, na Associação dos Moradores da Vila Viçosa desenhávamos um mapa com as Vilas que iremos percorrer nas caminhadas da Oficina do Percurso. Realizado num papel pardo com cerca de dois metros de comprimento disponibilizado pelo PSF e pelas canetas coloridas trazidas pela pesquisadora e demais participantes da Oficina, a sua realização ocorreu após longa discussão. Movidos pela vontade de realizarem um mapa sobre o Bairro em que vivem, questionavam sobre tudo: sobre a cor da caneta que tracejou o mapa, sobre a Rua que o iniciaria, entre tantos[...] segundo as falas a seguir que foram transcritas a partir da gravação realizada por um dos meninos, pela técnica de enfermagem e pesquisadora: -Desce por aqui! Não! Quer que eu desene? -Não, já tô desenhando! - Ih, agora ralou. Tem que fazer do outro lado. Põe a Serra Verde! - Esse daqui vai pra cá [...] Segue na Sede e sobe na primeira Rua dos Pinheiros. - Óh! Tu não colocou o campo! - Ah, esqueci! O campinho é aqui!. - Nós vamos ir aqui, subo aqui e vamos entrar nesta primeira [...] - Tem uma rua aqui!. - Faz mais forte! - Ah, a gente vai [...]- Tá, continua reto, pega aqui. Também continua reta, vai até lá em cima. Oh, tem outra rua aqui. Daí tu desce pega essa rua [...]- Se perdeu! (risos). -Ah, tá, daí aqui, tu puxa um pouquinho pra cá [...] (Diário de campo, 29/06/2010).

Como uma construção em processo, o mapa apresentava-se como inscrição. Realizado pelo interesse dos participantes em apresentar o Bairro em que vivem, sua composição ocorreu com a sugestão de todos através de ampla conversa. Dizendo respeito aos espaços vivenciados cotidianamente, o mapa era realizado pelos integrantes posicionados ao redor do papel que, face a grande extensão, foi colocado no chão do prédio da Associação dos Moradores, conforme imagem a seguir.



Constituído no conversar - realizado em ações coordenadas consensuais recursivas guiado pelas emoções - envolvia uma experiência dependente do observador. Criado como um modo de apresentar o território, a realização do mapa sinalizava um processo inventivo interligado à experiência no campo. Tomando a Oficina como um dispositivo que propicia o conversar, o Percurso que se constituía na realização do mapa operava inscrições reconfigurando o modo de interação com o campo.

Considerá-lo como um processo inventivo vem ao encontro do conceito apresentado por Kastrup (1999), no qual nos oportuniza pensar o mapa como uma experiência de problematização compartilhada com os participantes da Oficina. No campo da cognição, a invenção é apresentada pela pesquisadora como um processo que escapa ao modelo da representação, passando a ser entendido como um processo de invenção de si e do mundo.

A invenção entendida como a potência que a cognição apresenta de diferir de si mesma, diferenciada à ideia de criatividade, não diz respeito à solução de problemas pré-existentes, mas, por outro lado, diz respeito à ideia de invenção de problemas. Na constituição

do mapa que se deu de modo aberto à alteridade, viabilizou-se um modo de experiência compartilhado. Assim, na sua realização, as ruas, casas, becos e avenidas foram constituídos em relação com o mundo propício à experiência de problematização, por isso inventivo.

Constituído sobre uma superfície plana, o mapa surge como produção em uma rede de conversação específica dos integrantes da Oficina. Embora fosse pensado como uma representação da realidade, o mapa se consolidava a partir de um observador implicado à experiência, de uma representação para uma inscrição no qual o observador se faz presente e o próprio bairro assume novas nuances.

A construção do mapa que se iniciava mediante poucas linhas, multiplicava-se a partir de novos traços que, em consenso, ampliavam novos caminhos. Embora em um primeiro momento pareciam preocupados com uma construção real do território, no exercício de desenhá-lo coletivamente exibiam a construção de um mapa relacionado à experiência [...] – Chega de ficarmos pensando se essa rua existe ou não desse jeito. Por que não a colocamos como achamos, depois quando vamos caminhar a gente arruma, dizia uma das integrantes (Diário de Campo, 29/06/2010).

O papel em que o mapa era constituído, após um tempo de produção, apresentava diversas inscrições congruentes advindas da pluralidade de informações. Os traços que o constituía alastravam-se e, numa operação em compartilhamento, abriam-se novos trajetos.

No processo de criação do mapa, a realidade que se constituía deflagrava uma ação experiencial que nos remete ao fenômeno do conhecer. Conhecer que, de acordo com Maturana e Varela (2004), decorre de nossa experiência cognitiva em oposição à concepção de um conhecimento que independe do observador.

A construção do mapa, diferentemente de uma representação da realidade, constituiu-se em uma produção com a participação de todos. Em cada rua, prédios desenhados, seguiam o curso da sugestão dos integrantes que, interessados em constituí-lo, traziam à experiência suas vivências no coletivo. A experiência que contava com momentos que ora indicavam um caminho cognitivo, com considerações que não eram problematizadas, passava por problematizações que indicavam outros momentos de cognição inventiva, delineando novos espaços/modos de convivência.

Uma das cenas marcantes na elaboração e que pode ser explicada como um movimento inventivo na elaboração do mapa ocorreu quando na rua conhecida como a “Rua da boca do tráfico” foi desenhada a moradia de um dos meninos, deixando explícito seu envolvimento no local, fato que tem gerado preocupações aos trabalhadores do PSF que suspeitam de suas atuações como informante nas operações do tráfico. Essa situação promoveu outro conversar que ampliou as considerações sobre aquele território. Ao coordenar ações constituindo sua casa no mapa iniciou-se um movimento criativo provocador de uma nova realidade. Questionando a pesquisadora sobre se ela já havia passado por sua rua – a “Rua da boca do tráfico”, anunciando tratar-se de um lugar muito bonito com uma paisagem onde é possível ver grande parte da cidade, promoveu outro conversar que, em consenso sobre a beleza natural do local alterou a emoção num movimento de reconstituição daquele território.

A área conhecida como a “Rua da boca do tráfico” – segundo relatos dos integrantes da Oficina - no operar com aquela inscrição provocou novas formas de percebê-la num momento de breakdown de “quebra” na continuidade cognitiva. Assim, em encontro propiciando novos conheceres, fenômeno que, de acordo com Maturana (1999, 2001), está em nossa vida cotidiana, surgia um mapa descrito na efetividade operacional dos participantes da Oficina em domínio de existência dependente de sua própria estrutura que, segundo o autor, participa de tantas realidades quantos modos de reformulação da experiência existirem, tantas realidades quantos domínios explicativos existirem.

Pensamos o mapa como uma construção no fluir do viver que em interação com os demais participantes potencializou novos modos de conhecer/fazer o território numa operação que nos permite dizer que a vida é um processo contínuo de conhecimento. Na relação circular entre viver, fazer e conhecer: “Todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer” (MATURANA & VARELA, 2004, p. 31), os autores indicam que a produção de um mundo ocorre na ação de quem o conhece e o constitui que, num percurso de aproximação entre mapa e mundo, nos conduz ao encontro de criação de sujeito e território.

O percurso, realizado inicialmente a partir do mapa e desdobrado em novas retas e curvas, envolveu uma ação de virtualização do território que, ao invés de ser tomado como única verdade, ignorando novas descobertas, permitiu novos caminhos a partir de trajetos inimagináveis. O mapa desenhado num dos encontros da Oficina, reformulado no percurso e no papel, constituiu ações performáticas propiciando a realização por novos caminhos.



## O MAPA

Olho o mapa da cidade  
 Como quem examinasse  
 A anatomia de um corpo...  
 (É nem que fosse meu corpo!)  
 Sinto uma dor esquisita  
 Das ruas de Porto Alegre  
 Onde jamais passarei...  
 Há tanta esquina esquisita  
 Tanta nuança de paredes  
 Há tanta moça bonita  
 Nas ruas que não andei  
 (E há uma rua encantada  
 Que nem em sonhos sonhei...)  
 Quando eu for, um dia desses,  
 Poeira ou folha levada  
 No vento da madrugada,  
 Serei um pouco do nada  
 Invisível, delicioso  
 Que faz com que o teu ar  
 Pareça mais um olhar  
 Suave mistério amoroso  
 Cidade de meu andar  
 (Deste já tão longo andar!)  
 E talvez de meu repouso...

(Mário Quintana)

A escolha de trazer esta poesia ao texto decorre de sua aproximação ao percurso da pesquisadora que, como na obra de Quintana, pode operar em meio a muitas descobertas. As inscrições materializadas no mapa, como as casas, becos, árvores e outras tantas que o constituíram em coordenação de coordenações consensuais de ações que foram distinguidas na experiência, exibiam encontros co-engendrados à experiência no campo.

No trecho: “Cidade de meu andar”, Quintana apresenta na ação de coordenar ações (andar) a constituição de uma cidade que, como na vivência da pesquisadora ao caminhar pelas ruas do Bairro pode operar o/no campo. A pesquisadora no linguajar guiada pelo desejo de analisar o modo como as inscrições operam na rede de conversação pode experienciar a emergência do campo engendrado a suas próprias modificações cognitivas. Se anteriormente considerava o campo como um local já definido, na experiência apresentou-se constitutiva deste ao mesmo tempo em que também era constituída no fazer da Oficina.

Nas caminhadas abriam-se à pesquisadora novas formas de “ver” o mundo. Composto por inscrições, marcas que o definem em uma rede de conversação, a experiência possibilitou novos encontros na constituição de um campo com forte posicionamento político, problematizador de realidades naturalizadas. Assim, interessada pelas inscrições, ao operar junto a elas, novas emoções foram vivenciadas provocando naquele conversar coordenações de ações imprevisíveis que, como disse o poeta, “nem em sonhos sonhei”.

As andanças experienciadas pela pesquisadora pelas ruas do Bairro lembram as “aventuras” do poeta Mário Quintana. Ao trafegar o olhar sobre as ruas da cidade expõe “esquisitices” e encantamentos seguindo o domínio que compartilha. O mapa de Quintana, o Mundo de Quintana, se aproxima da aventura de estar na Oficina realizando um percurso-mapa que compõe um percurso-vida, ou como nos inspira Maturana em sua preferência pelo uso de verbos, um fluir no percurso do viver.

## **8.2 A Oficina no Percurso**

No encontro posterior à Oficina de elaboração do mapa, surgiram outras direções. Embora havíamos acordado que no próximo encontro realizaríamos a caminhada seguindo as trajetórias delimitadas e contidas na produção, em consenso, optou-se pela sua não utilização.

A dúvida quanto à utilização do mapa ocorreu após a indagação da agente comunitária de saúde aos integrantes da Oficina sobre a necessidade de levá-lo na caminhada pela Lomba do Pinheiro. Guardado pela pesquisadora durante toda a semana para ser usado como guia, a sua não utilização parecia envolvida ao interesse de um percurso em ato, realizado no encontro com o campo. Tal proposição seguia a resposta de um dos meninos no qual referia que o trajeto, assim como o mapa, passaria por mudanças dependendo dos lugares que apareceriam na caminhada e das condições do tempo (fazendo referência ao calor e chuva), que fariam prosseguir ou não em determinado caminho. Esse despreendimento em relação ao mapa traz novamente a evidência que o mesmo não significou uma mera representação do território, mas sim uma construção, e que agora, os participantes fariam novas construções.

Ao iniciarmos o Percurso com a utilização da máquina fotográfica digital na área de

abrangência do PSF Vila Viçosa, os trajetos envolveram caminhos diversos que exibiram uma área com múltiplas paisagens misturadas a cenas urbanas e rurais. Na Oficina em que realizamos a primeira caminhada, seguimos pela parte baixa do Bairro.

Na caminhada, as ruas em que seguimos eram cuidadosamente escolhidas, e se anteriormente, na elaboração do mapa, o interesse era de abarcar todos os seus espaços, na experiência, a preocupação envolvia os caminhos com melhores recursos. Inúmeras fotografias foram realizadas naquele percurso e as que mais foram registradas eram, segundo fala dos participantes, as de casas “bonitas” e de ruas “limpas”, ou seja, ruas não tomadas pelo lixo.

Em uma parte da região com condições de vida favoráveis, com ruas asfaltadas e novas construções imobiliárias que reportavam a um “bairro em progresso”, conforme palavras da agente comunitária de saúde, explicitavam a preocupação inicial em apresentarem à pesquisadora as partes “bonitas” da região com a presença de novos empreendimentos e “construções nobres”.





O interesse de mostrar à pesquisadora primeiramente os lugares com melhores recursos, os lugares “mais bonitos” conforme anunciavam os integrantes, provocou a indagação desta sobre o porquê daquela escolha. Surpreendida pela resposta de uma das adolescentes: - “Raquel, queremos poder mostrar como a gente vive aqui com a parte pobre e rica”, deixava claro o interesse por uma Oficina propícia à conversa e capaz de mostrar as desigualdades socioeconômicas com as quais convivem, trazendo uma implicação política à rede de conversação. Realizando inúmeras produções com o interesse voltado a uma conversa sobre seus modos de viver, as fotografias como inscrições performatizavam marcas de uma rede de conversação envolvida às desigualdades sociais, com a aposta de ser apresentada em outros domínios, como a universidade.



A foto abaixo, registrada por uma das adolescentes em um dos trajetos realizados, apresentava o desejo de consumo registrando ícones de beleza como as imagens das revistas realizadas anteriormente. – “Raquel, olha esta casa, não é linda? Um dia terei uma igual, inclusive com um destes carros” - dizia uma das adolescentes



A Oficina do Percurso em operação performática do campo que se constituía, bem como as fotografias produzidas naquela rede de conversação, apresentavam momentos de discussão sustentados numa posição recognitiva. Interessados em fotografarem casas e carros “bonitos”, paralisavam-se na idealização de consumo sem problematização. Os jovens, como todos nós, subjetivados em uma cultura consumista, compartilham modos contraditórios de existência, dependendo, como diz Maturana, de nos deixarmos levar pelo desejo do consumo ou pelo desejo da partilha.

Almejando o acesso àquelas casas e automóveis, assim como a possibilidade de residirem em uma rua asfaltada, a impossibilidade financeira que os impediavam o alcance de tais objetos, colocava-os em uma posição, por vezes, sustentada, ou melhor, solucionada pela queixa. Buscando apresentar como viviam no território, segundo a proposição da pesquisadora, constituíam um conversar atravessado pelas desigualdades sociais que, embora os incomodassem, eram entendidas como uma condição consolidada sem possibilidade de



mudanças.

Inseridos em uma sociedade que estimula e valoriza o consumo, na fala da agente comunitária de saúde dizendo “somos uma comunidade esquecida”, referindo-se às diferenças quanto à infraestrutura entre a parte baixa (com melhores recursos financeiros) e a alta (caracterizada por dificuldades econômicas), ao mesmo tempo em que reivindicavam por melhores condições de vida, paralisavam-se, por vezes, em ações coordenadas pela queixa impeditiva à problematização potencializadora à cognição inventiva.

O Percurso Fotográfico iniciado pelas casas apresentando melhores construções, em terrenos com ruas asfaltadas, sem a exposição de esgotos a céu aberto, por exemplo, era operado na Oficina no fluir de coordenações consensuais de ações e emoções. Com a utilização das TIC, numa relação intrínseca à comunicação<sup>13</sup>, apresentava-se como possibilidade de um conversar guiado pela emoção em compartilharem o modo como vivem/convivem no território. Interessados em comunicar como convivem, o uso da máquina fotográfica digital apresentava-se como um dispositivo que, ao produzir inscrições (fotografias), possibilitava o conversar em outras redes de conversação, entre as quais a universidade, através da pesquisa e da pesquisadora.

Coordenando ações em que operávamos com as inscrições, ao fotografá-las estabelecia-se novas relações congruentes àquele conversar. Entre as tantas fotografias produzidas, a foto num gramado, dentro da área “nobre” do território, contendo a embalagem de camisinha rodeada de pinhas e dejetos orgânicos perturbava o grupo corroborando a várias tentativas em deletá-la.



<sup>13</sup> Comunicação é entendida enquanto condutas coordenadas desencadeadas entre membros de uma comunidade.

Inscrevendo uma configuração com a mistura de objetos provocou um momento de problematização na Oficina. “Isso também acontece aqui, não é somente onde moramos”, dito pelo menino que fez registro sugeria a dissolução de uma posição dual entre bonito e feio, configurando outros conversares. Além de problematizar a situação dual, essa inscrição trouxe outros conversares ausentes na interação com a família e com a escola.

As cenas se repetiam, mas, de repente, pela fotografia de um dos adolescentes tínhamos uma cena diferenciada [...] a composição do que é simbolizado como lixo suscitava abordarem uma dos problemas da Lomba que é o índice elevado de gravidez na adolescência e a prostituição, extrapolando o interesse por aquilo que não possuíam (casas nobres e carros do ano) [...] Habitando aquele território, mesmo na outra parte do Bairro, a fotografia que trazia a mistura de objetos causou uma parada na caminhada [...] ”-Apaga isso! Que nojo!, dizia a agente [...] mantida como prova de que não se cuida do lugar público, atirando lixo [...] suscitou outras fotografias não mais centradas em cenas de beleza mas na preocupação com a forma como cuidam e são cuidados [...]“-por isso que as meninas ficam grávidas, ninguém usa isso, se falar lá em casa, não posso, vamos falar com a professora que queremos saber sobre isso”(Diário de campo, 06/07/2010).

Mais tarde, prosseguindo na caminhada, embora cansados face ao longo trajeto que percorremos e à alta temperatura, o interesse na participação da Oficina era notório. Fotografando inscrições que possibilitavam a provocação sobre questões não problematizadas do cotidiano em movimentos de uma cognição inventiva, no final do encontro, a declaração em que diziam que estavam vendo o Bairro, a rua e o lixo de forma diferente, tornavam-se incentivo à próxima Oficina.

### **8.3 Sobre o Percurso com a máquina fotográfica digital**

No percurso que seguiu o fluxo de um olhar atento, a experiência exigiu um exercício do olhar. Olhar que de acordo com Cardoso (1988) é capaz de produzir problematizações, ou como menciona Varela (2003), momentos de “quebras”, “rachaduras” nos esquemas cognitivos. Distinto da concepção de ver (olho dócil, quase desatento que desliza sobre as coisas, turvo e embaçado), o olhar permitia ver o novo ou ver de novo.

Distantes da compreensão de uma percepção alicerçada na captação de objetos externos ao observador, a percepção do “novo”, próprio do olhar como diz Cardoso (1988), refere-se às distinções de objetos perceptivos na convivência produzindo momentos de *breakdowns*.

A velocidade, característica das cidades contemporâneas, era substituída naquela experiência por um movimento lento, capaz de recortar outros objetos. As inscrições fotográficas passavam a modular a rede de conversação que, como uma perturbação, causavam inquietação aos integrantes da Oficina. As árvores com flores coloridas em local frequentado cotidianamente pelos adolescentes e trabalhadoras que compunham a Oficina apareciam como novidade.



Os diferentes ângulos registrados nas fotografias pareciam tecer novos encontros com o território, e assim, não eram raras as vezes em que os integrantes da Oficina do Percurso, ao



exibirem os modos como vivem no local, encontravam no recurso fotográfico um dispositivo à invenção da vida.

No percurso fotográfico assumíamos um olhar de estrangeiro, um estado no qual as distinções anteriores poderiam ser refeitas. Um olhar que, segundo Peixoto (1988), é capaz de perceber as cenas pela primeira vez e de viver histórias originais, operando aí o caráter performático das inscrições fotográficas. Valorizando as particularidades de cada integrante, na proposta de fotografar cenas na caminhada, apostava-se no compartilhamento do material produzido visando fomentar a conversa e a ressignificação quanto aos modos de conviver.

As fotografias realizadas no Percurso que tinham como propósito exibir modos de convivência no território da Lomba, pela possibilidade de compartilhamento – característica que são próprias de Oficinas -, suscitou reconfigurações quanto aos modos de perceber, produzir distinções, olhar.



Inscrições que exibiam o lixo em vias públicas, por exemplo, apresentavam-se para os

participantes como prova de um real que solicitava mudanças. As inscrições que foram operadas na ação fotográfica envolviam um conversar de uma rede particular que, ao ser perturbada pela fotografia, direcionava-os a um novo encontro. Assim, se anteriormente o lixo não era objeto de inscrição, não passava por uma cognição inventiva problematizadora, o uso das TIC disparava o interesse de novas configurações. Se, de acordo com o relato anterior, a Lomba era considerada como um local esquecido, nas fotografias poderia ser problematizada, reinventada. A fotografia, “enquanto fragmento de realidade, de cenários e personagens é um documento visual [...] que revela informações e ao mesmo tempo emoções” (SILVA, 2000/2001, p. 176).

A fotografia de uma praça que não era ocupada e não constituía o domínio de existência dos moradores, suscitava a novas coordenações ações que recursivamente abriam a possibilidade de encontros e novas convivências.



No decorrer da Oficina, no fluir do linguajar e emocionar constituíram-se mudanças estruturais em um movimento circular e autopoietico. Exibindo além do signo simbólico (representação por convenções sociais que, por exemplo, dispararam o interesse pelos ícones das revistas), recortes de um real inatingível em função das limitações do enquadramento, as fotografias como inscrições performáticas constituíam e eram constituídas por suas redes de conversações.

#### **8.4 Oficinas de encontro às inscrições políticas e inventivas**

Nos encontros semanais da Oficina, ocorrendo sempre no início da tarde em frente à Associação de Moradores da Vila Viçosa, a escolha dos trajetos que envolviam todas as Vilas em que o PSF Vila Viçosa presta assistência dava-se no momento de cada encontro. Se na primeira caminhada tanto as trabalhadoras do PSF como os adolescentes manifestavam a preocupação de mostrar à pesquisadora e à estudante de Psicologia a parte considerada “bonita” do Bairro, nas Oficinas seguintes, o interesse era voltado pela apresentação de trajetos percorridos cotidianamente.

Na passagem por uma das Vilas em que moram alguns dos jovens da Oficina e que é frequentemente visitada pela agente comunitária de saúde, o percurso com a máquina fotográfica digital despertou curiosidade aos seus moradores e por isso éramos constantemente questionados. Algumas vezes imaginando que estivéssemos realizando um trabalho para o jornal em função do destelhamento de inúmeras casas na região por conta da forte chuva que atingiu a região dias antes da Oficina, deparávamos com moradores que solicitavam o registro fotográfico.

A conversa com os moradores do Bairro suscitava aos integrantes da Oficina uma forte preocupação social. Ao compartilharem daquela experiência coordenavam suas ações no sentido de um em comum, operando na dissolução de particularidades num movimento de igualdade de condições possibilitando um diálogo político.

O comum apresentado por François Jullien (2009) como “aquilo de que temos parte ou tomamos parte, o que é partilhado e do qual participamos”(p.36), traz a ideia de



pertencimento. Embora o autor nos alerte sobre a dupla face do termo comum, dizendo que ao mesmo tempo pode operar como inclusão e exclusão, já que ao realizar inclusões pode excluir o outro por negação em movimento excludente/fechamento, a perspectiva de comum que distinguimos naquele conversar dizia respeito ao partilhamento do emocionar, de um comum no encontro em momento de problematização coletiva.

Com a proposta de apresentarem o Bairro em que vivem/convivem, a interlocução com os moradores trazia consequências à própria proposição da Oficina. Na experiência em que estava implicado o viver-conhecer na linguagem, coordenando coordenações consensuais de ações e emoções, a caminhada com o uso da máquina delineava modificações na estrutura da própria Oficina. Se antes a preocupação era de mostrar um Bairro bonito à pesquisadora, o interesse agora se voltava a mostrar as operações que acontecem cotidianamente no viver. Os jovens, questionados pelos moradores, passaram a um exercício mais protagonista, utilizando a Oficina como dispositivo para uma ação mais coletiva e participativa.



Nas fotografias que expunham cenas ocasionadas pela chuva, a frase de uma das meninas “[...]me dá logo a câmera. Quero mostrar que vivemos assim”, ao fotografar a imagem da casa com a parede rompida, expunha uma inscrição sobre aquele modo de

existência, inscrição que compartilhada na Oficina pela fotografia, na interface sujeito/tecnologia acarretava momentos de tensão em um modo de viver problematizado.

“Como podemos viver assim? Onde ele vai morar? Temos que mostrar essas fotos para que todos possam ver o que acontece por aqui”, são algumas indagações que o exercício fotográfico na caminhada foi promovendo na Oficina apresentando a emergência de um em comum. Uma emoção de solidariedade emerge desse exercício do em-comum.

Como já descrito em capítulo anterior sobre o posicionamento político que faz parte da historicidade da Lomba do Pinheiro, o percurso da Oficina com a máquina fotográfica foi se consolidando em operação congruente com esse exercício. Ao registrarem cenas que poderiam ser compartilhadas, por trazerem a experiência comum, a caminhada com o uso da TIC surgia como oportunidade de novas problematizações em uma rede de conversação com fortes atravessamentos políticos, entendido aqui em uma visão colaborativa, de respeito mútuo e baseado na responsabilidade social.

Em momento posterior, quando do retorno ao local onde sempre se iniciava e terminava a caminhada, a Associação dos Moradores da Vila Viçosa, uma das meninas ao fotografar o sinal de trânsito “PARE” despertou a curiosidade do grupo resultando em diversos questionamentos.



Ao mostrar a imagem e perguntar sobre o que percebiam, provocou perturbações e uma quebra de fluxo ocasionando consequências ao andamento da Oficina. Ao indagar: “já pararam pra pensar sobre ela? E agora, na fotografia, param também?” Trouxe questões importantes sobre aquele conversar e a sua performatividade implicada, disparando um repensar sobre o modo como articulam suas ações: “É, acho que não precisamos ficar parados. Vamos mostrar estas imagens e fazer mudanças”. “Não podemos aceitar tudo que nos dizem”.

Performática, a fotografia suscitou problematizações. Modulando emoções abriu caminhos a novos conversares que, como conjunto de comportamentos coordenados mutuamente constituíram uma dança de coordenação condutual. Se, como nos afirma Maturana, a comunicação não ocorre mediante a transmissão de informações, mas quando há coordenação comportamental num domínio de acoplamento estrutural, a inscrição produzida (fotografia) apresentava um modo de operar não mais no campo da reconhecimento, mas no da invenção. Assim, articulados a momentos como este, implicado a uma cognição inventiva, segundo Kastrup (1999), a interface sujeito/tecnologia dá pistas sobre a problemática que envolve a conversar em uma proposta inventiva.

## **8.5 Oficinando da fotografia ao vídeo**

A Oficina do Percurso constituída na experimentação com o campo mediante vários atravessamentos, entre eles o objetivo de cada integrante, o conceito de saúde normativa segundo Canguilhem, a relação com as políticas públicas e destas com os jovens, entre outros, somado a um modo de operar dinâmico e autopoietico, despertou entre os integrantes o interesse pela produção videográfica. Proposta sugerida por uma das jovens, a realização do vídeo foi aceita pelo grupo.

Caracterizada como uma ação em processo performático, de modo não a descrever a realidade, mas pelo contrário, constitutiva desta, a produção videográfica resultou do interesse por um conversar em movimento. Interessados no compartilhamento das inscrições fotográficas, a produção do vídeo surgia como uma produção de conhecimento em coordenações recorrentes e consensuais de conduta. O vídeo fazia operar o em-comum ao

grupo. Já não se tratava de fotografias de cada um, mas de um modo de articular o cada-um em um em-comum.

Sugerido em um dos últimos percursos pelo campo, a proposta parecia agradar a todos. No percurso da caminhada em que suas primeiras formulações surgiam, o envolvimento político-social sempre esteve implicado.

De repente, no meio da caminhada a ideia de produção de um vídeo começa a ser pensada. Talvez por ser a última Oficina de realização dos trajetos e ansiosos para compartilharmos as experiências no campo ele é proposto [...] havíamos combinado de no encontro após a realização das caminhadas irmos até a Escola Estadual para vermos todas as fotos na sala de computação [...] a vontade de comunicar e estimular novos trabalhos começava a aparecer [...] “acho que além de mostramos nosso Bairro o vídeo pode estimular para que novos trabalhos aconteçam”, dizia a técnica de enfermagem [...]eu topo! Quando começamos? -Quem sabe na próxima semana? – Podemos usar as fotos, fazer tipo um documentário e aí contar como foi a nossa Oficina [...] se queremos que as coisas mudem, que as pessoas enxerguem o que vimos podemos levá-lo no colégio, no Posto, o que acham? É! Concordo – este é um jeito legal de contarmos sobre o que vimos. Não temos como revelar todas as fotos (que eram várias!), mas podem assistir ao vídeo na TV [...] “quando quero falar lá em casa e com meus amigos sobre o que estamos fazendo não sei como explicar tudo [...] acho que se fizermos um vídeo vai dar” (Diário de campo, agosto/2010).

Do simples toque que faz girar o botão da máquina fotográfica digital, na passagem do modo fotografia ao que possibilita a realização de filmagens, a Oficina sofria novas modificações - agora com a produção de um vídeo. As ideias para a sua elaboração envolveram todo o trajeto final da caminhada e, ao passarmos pela Escola Estadual Professora Thereza Carvalho Noronha, não hesitamos em contatar com a diretora para confirmar se na próxima semana a sala de informática, necessária para a elaboração do vídeo, poderia ser reservada para a Oficina.

Assim, após recebermos a confirmação para a utilização do laboratório de informática que, segundo o próprio relato da diretora, não tem outra função na Escola senão reunir os alunos na ausência de algum professor, combinamos de nos reunir na semana seguinte em frente à Escola. O aceite para a ocupação da sala, permitido principalmente pela confiança estabelecida com o PSF, que há longa data realiza diversas ações de promoção à saúde no

local, favoreceu o encontro a novos domínios, revelando também a possibilidade de instituir redes para além de pessoas, mas entre instituições.

Chegado o dia da Oficina, todos ansiosos para a produção do vídeo, a escolha pelo programa de edição a ser utilizado e a forma como seria realizado geraram muita expectativa. Disponibilizado neste encontro uma filmadora de vídeo, além da máquina fotográfica digital, a experimentação com a máquina despertou grande interesse.

Após inúmeras intervenções com a filmadora, aprendendo sobre como utilizá-la, as brincadeiras que envolveram a filmagem com a narração sobre o próprio percurso e o que poderiam contar sobre aquela experiência, consolidou-se a ideia inicial de constituir-se como um documentário. Após inúmeras gravações-teste, e ampla discussão sobre a escolha do programa de edição a ser utilizado, optou-se pelo *Windows Movie Maker*, deixando para os próximos encontros a seleção das fotografias que compuseram o vídeo. Neste encontro, optou-se pela utilização de algumas máscaras que, sugerido por um dos adolescentes, foram realizadas com material disponível na escola (tecidos coloridos, revistas e cola).

A realização das máscaras foi desenvolvida segundo as características de cada integrante. Assim, a técnica de enfermagem realizou uma produção fazendo referência à orelha, dizendo estar sempre escutando muitas coisas; a agente comunitária de saúde optou por uma borboleta, anunciando que as metamorfoses são intrínsecas ao seu trabalho. Os jovens escolheram produções variadas, entre as quais um leão (devido ao seu sobrenome), frases reivindicatórias e outros.

A elaboração que envolveu três momentos da Oficina (1. Experimentação da filmadora e escolha pelo programa de edição, a realização das máscaras; 2. Escolha das músicas, fotografias, realização das gravações e início da edição; 3. Término da edição do vídeo), contava com a constante curiosidade de alunos e da diretora da escola, e assim não foram poucas as vezes em que, em meio à Oficina, recebíamos algumas visitas.

Indagados constantemente sobre o que estávamos fazendo, percebíamos que o uso das tecnologias necessárias ao vídeo despertavam sentimentos diversos entre os participantes da Oficina do Percurso e os que estavam a sua volta. A confiança às atividades do PSF que sustentavam o trabalho na escola por vezes tornava-se frágil e suscetível a tentativas de



boicote, o que demonstra que as redes de conversação são “vivas” e dinâmicas, necessitando recorrente trabalho em sua manutenção.

A perda da chave do laboratório, o extravio do telão da escola e da chave do armário onde estava o rádio para que pudéssemos definir a escolha das músicas - já que aos computadores não dispunham de tal recurso -, foram algumas cenas que dificultaram a Oficina, embora não impeditivas ao trabalho.

A escolha das músicas seguiu um curso inesperado - pelo menos à pesquisadora. Aguardando a escolha por músicas mais recentes, era surpreendida pela opção predominante à música popular brasileira sugerindo cantores com forte envolvimento político como Cazusa, Chico Buarque, Caetano Veloso.

Na realização das filmagens com depoimentos que integraram o vídeo, algumas alterações tiveram que ser realizadas. Embora havíamos combinado que estas se dariam nos espaços externos do Bairro, em função da forte chuva naquele dia, ocorreram na sala de informática da escola. Preocupados com a nitidez do som que era prejudicado com o uso das máscaras, realizaram várias filmagens escolhendo as de melhor qualidade do som. Para a seleção das fotografias que constituíram o vídeo coordenavam suas ações de modo a respeitar todas as sugestões que, diversificadas, apresentavam como unanimidade a escolha pelas fotografias da bandeira brasileira ao início e término do vídeo.



Que país é esse? Era uma das músicas escolhidas naquele conversar de ações coordenadas pela emoção.



Performático, o vídeo apresentava-se como um dispositivo modulador de si e do mundo. Ao questionarem sobre o país em que vivem, por exemplo, indagavam uma nação que distinta pelo observador constituía e era constituído em um conversar situado. Como já apresentado em capítulo anterior, com um modo de constituição política, a inscrição produzida compunha marcas de um conversar que no vídeo pode ser problematizado.

## **9 O PERCURSO E SEUS DESDOBRAMENTOS: CONSIDERAÇÕES DA EXPERIÊNCIA**

A trajetória deste trabalho chega agora a seu destino final: dissertar as experiências da pesquisa no campo. Iniciada através de minhas perturbações na interação com as inscrições inauguro agora a sua finalização - que também perturba.

Compartilhando problematizações e emoções, a Oficina do Percurso como método ao encontro das inscrições propiciou a abertura a novas conversas. O recurso fotográfico nas Oficinas partiu do interesse por cenas na cidade, ou melhor, pela produção fotográfica que exibiam/constituíam modos de vida no território da Lomba do Pinheiro. Através da experiência de um percurso, no qual foram oferecidas aos integrantes da Oficina máquinas fotográficas digitais para que pudessem realizar produções/inscrições fotográficas que apresentassem o modo como vivem/convivem naquele local, o uso de tal tecnologia além de suscitar o exercício do olhar (que definimos como a produção de distinções) operou como um dispositivo ao conversar.

Caminhos em olhar ou olhares em percurso foram ações caras na experiência. A realização de percursos não lineares, seguindo cursos que no encontro do olhar com as tecnologias da informação e comunicação (TIC) ressignificaram os modos de “ver” de distintos observadores, tornaram-se centrais às configurações da paisagem.

As fotografias que compuseram o vídeo constituíram uma inscrição política que vislumbrava o encontro com outras redes. A possibilidade de compartilhamento intrínseco à Oficina estimulou a conversa por outros campos e realidades. Apresentado pelos integrantes locais (usuários e trabalhadores do PSF) em Unidades de Saúde e Escolas da Lomba do Pinheiro, o vídeo, segundo relato da enfermeira e coordenadora do PSF, disparou problematizações que possibilitaram repensar suas ações consolidando novas Oficinas com a participação de trabalhadores e usuários do serviço.

Assim, quando no início desta seção uso a palavra inauguro para falar da finalização deste trabalho que continua a perturbar, refiro-me também, além de meus próprios questionamentos, a movimentos que perduram. Como exemplo, cito a criação posterior a esta

experiência de outras duas Oficinas: a Oficina de realização do “Jornal CCJ” (Comunidade Comunicante Jovem) e a “Oficina Linguagens da Cidadania”.

A primeira desenvolve o Jornal “CCJ” com a utilização de máquinas fotográficas digitais e computador que, em conversa com os moradores e trabalhadores do campo tem promovido novas coordenações consensuais de ações e emoções. Já a “Oficina Linguagens da Cidadania”, que iniciada em 2009 no CIAPS, serviu de inspiração a este trabalho por sua constituição aberta à comunidade do território de abrangência do serviço (Partenon e Lomba do Pinheiro), realiza-se na Lomba do Pinheiro por meio de diferentes linguagens - desenho, fotografia, vídeo - com a participação de jovens assistidos no PSF Vila Viçosa fomentando o exercício da cidadania, o protagonismo, a invenção e a promoção de saúde.

A constituição do vídeo realizado na Oficina do Percuro comendo fotografias, músicas, máscaras e depoimentos, trouxe provocações diversas entre as diferentes redes de conversação apresentadas. Assistido primeiramente pelos integrantes da Oficina, envolvia o compartilhamento da experiência com inscrições que apresentavam significações próprias àquele conversar.

Com fotografias e músicas que traziam questionamentos políticos, a constituição das máscaras emergiram novos questionamentos e inquietações. Se na Oficina as máscaras foram desenvolvidas com o intuito de disparar provocações sobre os modos de vida no território, ao ser apresentado pela pesquisadora no grupo de pesquisa eram atribuídas de novo sentido.

A exposição do vídeo no grupo de pesquisa provocou sentimentos diversos. Problematizado pelo desconforto que o grupo sentia no abafamento das vozes escondidas atrás das máscaras, emergiram entendimentos paradoxais na relação entre imagem e fala. Apresentando uma tensão entre a máscara como um plano de inscrição e como reveladora da dificuldade de tomar posição, evidenciava, segundo alguns integrantes do grupo de pesquisa, uma situação coerente à impossibilidade de “mostrar a cara”, já que rotulados como em risco social. Por outro lado, para outros colegas tínhamos diferentes compreensões como a possibilidade de “aparecerem” sem mostrarem seus rostos, num movimento de preservação e invenção à condição exigida pelo comitê de ética em pesquisas quanto ao sigilo à identidade dos participantes.

Envolvendo uma posição que parecia antagônica, um paradoxo explicitado pelo grupo de pesquisa e provocadora de problematização pelos integrantes da Oficina, ambas as experiências que pude vivenciar pareciam convergir na própria aposta do vídeo: a possibilidade de, no compartilhamento de inscrições, a abertura por novos questionamentos, *breakdowns*. Tratando-se de uma intervenção não somente no território da pesquisa, mas também entre os pesquisadores, o debate sobre as diferentes modalidades e técnicas do uso do vídeo e seus efeitos foi um momento tenso, mas frutífero de discussão no próprio grupo de pesquisa.

Com a proposta sugerida para que apresentassem o território em que vivem, através daquela inscrição (vídeo), suscitavam problematizações que, performática, descrevia não somente uma realidade como também a constituía. Assim, se as problematizações políticas emergiram nos encontros da Oficina, estas permaneceram quando de sua constituição.

A realização da pesquisa mediante a Oficina do Percuro evidenciou momentos de deslocamentos à reinvenção da vida mediante outros conversares ressignificando inscrições em suas operações. Potencializada na interface com as tecnologias propiciou problematizações à cognição inventiva.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L. O lugar e o mapa. **Cadernos CEDES**, Unicamp, vol.23, n.60, 2003,p.139-148.
- AGUIAR, K. ; ROCHA, M. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, vol.23, n.4, 2003, p.64-73.
- AGUIAR, K. ; ROCHA, M. Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, vol.27, n.4, 2007, p.648-663.
- AUSTIN, J. **Quando dizer é fazer** : palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BARROS, R. **Grupo**: a afirmação de um simulacro. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.
- CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.1995.
- CARDOSO, Sérgio. O olhar dos viajantes. In: NOVAES, Adauto (org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras. 1988. p.347-360.
- CALVINO, I. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo : Companhia das Letras, 2003.
- DE CERTEAU, Michel. Caminhadas pela cidade. In: **A invenção do cotidiano**: artes de fazer: Rio de Janeiro: Vozes, 1996, p 169-183.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- COIMBRA, C. **Operação Rio**: o mito das classes perigosas. Niterói/Rio de Janeiro, Intertexto/Oficina do Autor, 2001.
- COIMBRA, C. Justiça e Segurança Pública no Brasil Hoje: Algumas Notas Introdutórias. Trabalho apresentado no **Ciclo de Debates “Psicologia e Preconceito Racial”** organizado pelo CRP-SP, em 10 de julho de 2003. Disponível em: <[http://www.crsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos\\_tematicos/1/frames/fr\\_justica\\_cecilia.a\\_spx](http://www.crsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/1/frames/fr_justica_cecilia.a_spx)>. Acesso em : 10fev.2011.

DHIEL, R. **Do mapa à fotografia: planografias de um espaço louco**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2001.

DUBOIS, P. **O ato fotografico e outros ensaios**. 2.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

FERRARI, R.; THOMSON, Z.; MELCHIOR, R. Atenção à saúde dos adolescentes: percepção dos médicos e enfermeiros das equipes da saúde da família. **Interface. Botucatu**. 2008, vol.12, n.25 pp. 387- 400.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009.

FREIRE, Eduardo Duarte, et all. **Memória dos Bairros**. Lomba do Pinheiro. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, 2000. Disponível em: <<http://www.portoalegre.rs.gov.br>>. Acesso em: 20 dez.2010.

GUATTARI, F. ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografia do desejo**. Petrópolis: Vozes. 1986.

HERRENSCHMIDT,C. Les Trois Écritures – **Langue, Nombre, Code**. France: Gallimard.2007.Resenha de: CARVALHO, Bernardo. A imagem não diz não. 2007 Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=627DAC001>>. Acesso em: 10 dez.2010.

JULLIEN, F. **O diálogo entre as culturas: do universal ao multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

KASTRUP, V. Sobre Livros e Leitura: algumas questões acerca da aprendizagem em oficinas literárias. In: KASTRUP, V.; TEDESCO, S. PASSOS, E. **Políticas da Cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008, p.241-266.

KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Campinas: Ed. Papyrus, 1999.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

MARASCHIN, C. Pesquisar e intervir. **Psicologia & Sociedade** v.16, n. 1, p. 98-107, 2004.

MARCONDES, D. **A pragmática na filosofia contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MARQUES, R. M.; MENDES, A. Atenção Básica e Programa de Saúde da Família (PSF): novos rumos para a política de saúde e seu financiamento?. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2003, vol. 8, no. 2, p. 403-415.

MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MATURANA, H. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**: Ed. UFMG, 2001.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MATURANA, H. VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**: São Paulo: Palas Athena, 2004.

MATURANA, H.; ZÖLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

OBERRATHER, A.; VARELA, L., MORETTO, S.; SOMENSI, S.; PRESTES, V. Loteamento clandestino Vila Viçosa - Porto Alegre: desafios enfrentados na regularização urbanística e jurídica locação comercial coligada com promessa de compra e venda – desequilíbrio econômico do negócio- revisão contratual – princípio da Boa-fé O. **Revista Magister de Direito Ambiental e Urbanístico**, Porto Alegre, n.15, 2008.

OLSON, D.; TORRANCE, N. ; SIQUEIRA, V. **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática.1997.

PEIXOTO, N. **O Olhar do Estrangeiro**.In: NOVAES, Adauto (org.). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras. 1988. p. 361-366.

QUINTANA, M. **Apontamentos de história sobrenatural**. Porto Alegre: Globo.2005.



PELLANDA, N. Conversações: modelo cibernético da construção do conhecimento/realidade. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol.24, n.85. 2003, p. 1377-1388.

PEIRCE, C. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SENNA, M. Equidade e política de saúde: algumas reflexões sobre o Programa Saúde da Família. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol.18, n.1, 2002, p.203-211.

SCISLESKI, A. **Entre se quiser, saia se puder**: os percursos dos jovens pelas redes sociais e a internação psiquiátrica. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2006.

SILVA, Ligia Maria Tavares da. Fotografia e paisagem urbana. **Saeculum**: Revista de História, João Pessoa, n.6/7, jan./dez. 2000/2001, p. 171-182.

SIMONDON, G. **Du mode de existence des objets techniques**, Paris: Aubier-Montaigne, 2001.

SONTAG, S. **Ensaio Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

THIBAUD, J.; SARAIVA, M. Comment observer une ambiance? **Cahiers de la Recherche Architecturale**, Issue 42/43, 1998. p.77-89.

VASCONCELOS, E. M., 1999. A priorização da família nas políticas de saúde. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 53, p. 6-19, set./dez. 1999.

VARELA, F.O Desencantamento do Abstrato In: **Reencantamento do Concreto**. São Paulo: Hucitec. 2003, p. 74-86.

VARELA, F. J. **Sobre a competência ética**. Lisboa: Edições 70, 1995.

## **ANEXO**

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos convidando você a participar da Pesquisa “Operando na Escrita: fotografias em percurso” que tem como objetivo analisar o modo como os trabalhadores e usuários de Unidades Básicas de Saúde de Porto Alegre interagem por meio Oficinas tecnológicas realizada nos espaços urbanos da cidade e nas próprias Unidades. Para a realização deste trabalho propomos sua integração na Oficina de Percurso Comentado e Fotografado. Esta pesquisa pretende proporcionar a você novas formas de relacionar-se no mundo de forma criativa.

Este termo de consentimento objetiva esclarecer todos os procedimentos de que você irá participar. Para que conheça como ocorrerão os encontros na Oficina informamos que esta ocorrerá através de participações semanais totalizando cerca de 5 encontros com duração aproximada de 1h 15min. Participarão da Oficina, além do pesquisador, trabalhadores, usuários e residentes do serviço de saúde. As atividades envolverão algumas ferramentas tecnológicas. Você irá participar de encontros em que terá contato com diversas imagens de escritas e poderá experimentar atividades com o uso da câmera digital. Também será convidado a realizar uma trajetória comentando e fotografando escritas por um caminho acordado com todo o grupo. Ocorrerão espaços de discussão em que poderá compartilhar suas produções.

Ressaltamos que todas as informações obtidas serão utilizadas para fins de pesquisa e produção de conhecimento. As publicações resultantes do trabalho, em hipóteses alguma serão utilizadas para fins diversos a estes e manteremos sigilo quanto a sua identificação. Você terá total liberdade de se recusar a participar da Pesquisa em qualquer fase, sem lhe ocasionar qualquer prejuízo. Nenhum dos procedimentos usados oferecerá riscos para você. Este termo é composto de duas vias, uma delas ficará com você e a outra com os pesquisadores. São responsáveis por esta pesquisa a Professora Cleci Maraschin e Raquel Brondísia Panizzi Fernandes. Qualquer dúvida poderá ser esclarecida pelo e-mail raquel.b29@hotmail.com ou pelo telefone (51) 99933095. Para contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre o telefone é (51) 3212.46.23

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido declaro que decidi por livre e espontânea vontade participar desta pesquisa.

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010.

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Participante da Pesquisa